

Santidade

Caminho Real e Possível

A voz de DEUS pede que sejamos santos.

A vida de Jesus nos ensina a sermos santos.

A Virgem Maria intercede para que eu seja santo.

Os santos desejem que eu seja santo.

A Igreja necessita do testemunho dos santos.

A humanidade precisa uma vez mais ser

impactada pela loucura dos santos.

Agora só é preciso que você tome a decisão de ser Santo.

(O autor)

Índice

Prefácio	
Apresentação.....	
Introdução.....	
Capítulo 1 - Maria, Mãe do Redentor e Mãe dos homens....	
Capítulo 2 - Como os Anjos colaboram para nossa santificação.....	
Capítulo 3 - Como os Santos colaboram para nossa santificação	
Capítulo 4 - " <i>Sede perfeitos como vosso Pai do céu é perfeito</i> " (Mt 5,48).....	
Capítulo 5 - Os dons do Espírito Santo	
Capítulo 6 - Os Atos Meritórios.....	
Capítulo 7 - As Graças Sacramentais.....	
Capítulo 8 - A Oração	
Quem somos	

Prefácio

Disse o Papa Bento XVI, quando ainda Cardeal Joseph Ratzinger, numa entrevista concedida a Peter Seewald: *"Ele, (Deus) me amou por primeiro, antes mesmo que eu fosse capaz de amar. Fui criado só porque Ele já me conhecia e me amava. Não fui lançado ao mundo por azar, como disse Heidegger. O mais importante para qualquer pessoa é saber que é amada. Deus está aí, por primeiro e me ama. Esta é a razão segura sobre a qual se assenta a minha vida e sobre a qual eu mesmo posso projetá-la"* (Dios y el mundo).

Creio eu, que santidade não é outra coisa senão minha resposta a essa grande iniciativa de Deus: *"Foi Ele por primeiro que nos amou"*.

Existem diversidades de veredas que nos levam a essa íntima comunhão de amor com Deus e que foram percorridas por tantos homens e mulheres que nos precederam na fé. É justamente sobre essas "veredas" que trata o presente livro. Trilhá-las, é ter a certeza que se caminha sobre um chão firme e seguro.

Tantas pessoas se perguntam sobre o que se deve fazer para viver uma santidade de vida; por onde começar. A resposta para esses questionamentos pode ser encontrada nesse "pequeno compêndio de ascese" escrito por Pe. Gilson. É só lê-lo e começar a vivê-lo.

Obrigado Pe. Gilson, por nos lembrar, que existem tão seguros meios oferecidos pela Santa Mãe Igreja, para santificação de todos os seus fiéis, nos seus mais diferentes estados de vida.

Com minhas bênçãos ,

DOM MAURO APARECIDO

Arcebispo da Arquidiocese de Cascavel, PR

19 de março de 2007, Solenidade de São José,

casto esposo de Maria

Apresentação

"Sede santos porque Eu sou Santo." (1Pd1, 16)

Por que, poderíamos perguntar, uns se tornam santos e outros não? Mesmo não é o Pai do Céu? Mesma não é a fé crida e professada? Mesma não é a Santa Mãe Igreja? Mesma não é a palavra anunciada? Mesmo não foi o batismo recebido? Mesma não é a graça derramada abundantemente sobre todos?

Quem sabe dentre tantas respostas que poderíamos dar, uma delas é porque ainda não decidimos, com todas as nossas convicções, sermos verdadeiramente santos. Isso, porque ainda temos a falsa ilusão de que santidade é coisa para poucos.

O chamado à santidade não é e jamais poderá ser privilégio de alguns. A santidade não pode ser encarada como uma exceção à regra, como algo impossível que só acontece de tempos em tempos. Santidade não é um prodígio, é algo real e possível.

Muitos pensam que só pode ser santo quem nunca pecou, errou, falhou, caiu, etc. É um grande equívoco pensar assim, pois, como Paulo poderia ser santo se matou tantos cristãos? E Francisco que foi boêmio e mundano? Margarida de Cartona que fora uma prostituta? Agostinho, um cético?

Como costume sempre dizer, santidade não rima com ausência de pecado, mas com excesso de graça. Não é algo alcançado somente com nossas forças, isso é até heresia (pelagianismo) é, sobretudo, iniciativa e desejo de Deus. Ele quer que todos nós sejamos santos. *"Sede santos porque Eu sou Santo" (1Pd1, 16).*

É chegada a hora de levantarmos de uma vez por todas o estandarte da santidade e, façamo-lo depressa. Queiramos decididamente ser santos como quis um dia a santa de Lisieux, Santa Teresinha: *"Serei Santa e o serei depressa!"*.

Não poderíamos mais continuar encarando a santidade como algo opcional. Precisamos buscá-la como um dever: ou santos ou santos! Não esqueçamos que essa grande família a qual pertencemos (a Igreja), é uma família de santos. Portanto, como membros desta Igreja, também nós, devemos ser santos.

Não posso continuar encarando a santidade como sendo o extraordinário da vida dos santos - como possuir o dom da bilocação de dom Bosco, de falar com os animais como São Francisco, de portar os estigmas como Santo Padre Pio, de levitar como São João da Cruz, etc. - pois me sentiria impossibilitado de tê-los e me acomodaria, dizendo que isso não é para mim. Nem tampouco posso continuar conceituando santidade como simples ausência de erros, pois logo me

contentaria com a vida cristã que já levo: participação dominical na Santa Missa ou alguma obra de caridade que pratico ou ainda algum grupo que participo. Santidade não é linha de chegada, mas o caminho percorrido dia após dia. Como dizia São Bernardo: *"É o esforço constante pela santidade que se chama propriamente santidade"*. Como costume dizer: *Santidade é graça de Deus e esforço meu.*

A santidade pressupõe um profundo desejo de conversão. Sem ela não conseguiremos ser santos. Ela é o pontapé inicial para a vida nova dos filhos de Deus, assim como o alicerce sobre o qual iremos construir a nossa santidade. Ninguém conseguiria ser santo se não tivesse matado decididamente o pecador que traz dentro de si, aquilo que São Paulo chamou de homem velho (

Ef 4,22). Cometamos sem medo esse santo homicídio. Matemos o pecador que teima sobreviver em nós.

O maior espetáculo que podemos dar ao mundo é a nossa conversão. Esse não precisa de palcos, luzes, música, danças ou teatro, mas somente do nosso testemunho.

Não nos preocupemos com o que possa acontecer - perder os amigos de ocasiões - ou com o que possam dizer - "viveu a vida toda aprontando, agora quer dar uma de santo" - se nos decidirmos pela santidade. Afinal, como diz o ditado: "Só se joga pedra em árvore que dá frutos", e como disse o próprio Jesus: *"Bem-aventurado sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo mal contra vós por causa de Mim. Antes, alegrai-vos e exultai, porque é grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes vós"* (Mt 5,11).

Santidade é graça de Deus porque só Ele é quem pode nos santificar. Só Ele é o Santo dos santos. No grego a palavra santificar – *hagiazō* – *ἀγιασμός* – significa separar. A ideia aqui é de alguém ou algo que é separado para junto de Deus. É essa proximidade com Ele que torna a pessoa santa. Que faz com que ela assuma para si a mesma santidade daquele que está constantemente em contato. *"Sereis santos, porque Eu sou Santo"* (Lv 11,44).

Os santos são diversos, como diversos são os homens. Uns foram iletrados, outros foram doutos e sábios; uns foram extremamente pobres, enquanto outros viveram em meio à nobreza; uns foram mártires, outros viveram o martírio diário; uns foram missionários, outros, porém, passaram a vida toda no claustro; uns constituíram família, outros foram castos... Entretanto, em todos eles fulguraram uma só e mesma santidade.

Ao olharmos com mais atenção suas vidas, perceberemos que em todos eles haviam traços em comum: vida de oração e adoração, penitência, zelo ardente pela salvação das almas, caridade fraterna, frequência aos sacramentos, intimidade com a palavra de Deus, amor abrasado por Nosso Senhor, devoção piedosa à Virgem Maria e aos santos, espírito de humildade, ousadia e determinação, etc. A impressão que se tem, é que todos frequentaram a mesma "sala de aula". De fato, não é impressão. Todos eles, sem exceções, frequentaram a grande escola formadora de Santos: a ascese.

Com o passar do tempo e com dita "evolução da humanidade", ascese foi sendo "banida" e considerada desnecessária, em decorrência das novas leituras que as ciências humanas foram fazendo sobre o homem.

Foi lastimável tal acontecimento, pois, com isso perdemos um importante e seguro condutor de santos. Quem sabe, a isso também se deva a falta de cristãos entusiasmados pela busca de santidade.

Esse livro deseja ser um resgate desses princípios ascéticos que tanto forjaram santos para a Igreja. Seu estilo é o mesmo, ainda que de maneira sumária, dos grandes e "velhos compêndios de ascetes".

Desejo que ele possa ajudar a cada um daqueles que o ler, seguir os mesmos passos que tantos homens e mulheres trilharam ao longo dos séculos: a via da santidade. É o que nossa pequena Fraternidade vem tentando fazer desde que foi fundada, e acreditem, os resultados não poderiam ser melhores.

"Sed secundum eum qui vocavit vos sanctum". (1 Pd 1,15)

Pe. Gilson Sobreiro

Fundador da Fraternidade "o Caminho"

Introdução

Quis Deus, na Sua imensa bondade, presentear-nos, além da nossa vida natural, com uma vida sobrenatural, que é a participação na vida do próprio Deus ou a vida da graça.

Como esta vida nos é dada em virtude dos merecimentos infinitos de nosso Senhor Jesus Cristo e como Ele é a Sua causa mais exemplar e mais perfeita, chama-se com razão de vida cristã.

Assim como a vida natural precisa ser aperfeiçoada através de um conjunto de valores e normas, assim também, a vida sobrenatural precisa de aperfeiçoamento. *"Tendei à perfeição"* (2 Cor 13, 11). E essa perfeição acontecerá à medida que ela se aproximar do seu modelo único: Cristo Jesus.

A perfeição absoluta é a consecução desse fim, que só no Céu se alcança. Lá, veremos a Deus tal como Ele é (1 Jo 3,2). Enquanto formos peregrinos nesse mundo, nos resta avançar a cada dia. *"Não pretendo dizer que já alcancei e que cheguei à perfeição. Não. Mas eu me empenho em conquistá-la, uma vez que também eu fui conquistado por Jesus Cristo. Consciente de não tê-la ainda conquistado, só procuro isto: prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para frente, persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo".* (Fl 3, 12-14)

A ascese é também chamada de Ciência dos santos e com razão, pois nos vem dos santos que a ensinaram e, sobretudo, a viveram e é destinada a formar santos, explicando-nos o que é a santidade e quais os meios para alcançá-la.

É chamada também de Ciência Espiritual, pois forma homens interiores, conduzindo-os à perfeição cristã. A ascese aperfeiçoa os homens na vida sobrenatural.

O nome mais comum, porém, é o de Teologia Ascética.

A palavra ascese vem do grego *ἀσκησις* (ascēsis) e significa *exercício*. Era uma expressão usada pelos gregos para designar todo exercício físico praticado pelos soldados e gladiadores. São Paulo compara a busca pela perfeição da vida cristã à prática desses exercícios: *"Nenhum atleta será coroado, se não tiver lutado segundo as regras"* (2 Tim 2,5). Pela ascese nós podemos encontrar a maneira prática pela qual somos "treinados" para obtermos tal coroa (Tg 1,12).

Necessidade da Ascese

Para santificar-nos e, por conseguinte, aos nossos irmãos, é necessário que saibamos os meios e para isso, precisamos da ascese.

Diz o adágio que o *conhecimento de um bem o torna desejado*. Saber o que é santidade, a maravilha que ela produz na nossa vida, a sua fecundidade, o estado de graça que ela nos traz, é querer possuí-la a qualquer custo.

Como reanima e nos faz recobrar o ardor em meio à luta, conhecer os passos que teremos que dar para atingir a perfeição, os esforços incansáveis dos santos para superarem as dificuldades e alcançarem o fim desejado e os meios dados por Deus para o nosso aperfeiçoamento.

Numa época marcada pelo liberalismo e pelo hedonismo a ascese é caminho seguro para evitar as ocasiões de pecado, combater as paixões desordenadas, resistir às tentações, impedir o relaxamento e a tibieza, praticar as virtudes, fazer progredir a vida da graça, testemunhar o amor de Deus em nós, suscitar pelo exemplo o mesmo desejo em outros, etc.

"*A vida do homem é uma luta na terra*" (Jó 7,1). Enquanto nossas faculdades superiores tendem para o bem, as nossas faculdades inferiores empurram-nos com veemência para o mal. Muitas vezes o que nos agrada nem sempre é bom e moralmente aceito. É a luta do espírito contra a carne, da vontade contra a paixão.

É necessário, pois, combater as tendências contrárias à vida no Espírito a fim de que o bem triunfe. "*Digo, pois: deixai-vos conduzir pelo Espírito, e não satisfareis os apetites da carne*". (Gl 5,16).

Meios que possuímos para nos ajudar nesse combate:

- Poder de prevenção - Por ele nos prevenimos, por meio de prudente e constante vigilância, das muitas fantasias, sugestões e emoções perigosas.
- Poder de inibição ou de moderação - Pelo qual impedimos ou pelo menos moderamos os movimentos violentos que se elevam em nós. Assim, por exemplo, posso impedir os meus olhos de se fixarem numa imagem perigosa; a imaginação de se alimentar de imagens perniciosas; refrear um impulso violento; conter um palavrão, etc.
- Poder de direção - Nos permite direcionar nosso temperamento, comportamentos e atitudes, para aquelas coisas que são aceitáveis.
- Poder de estimulação - Pelo qual intensificamos nossa vontade pelas coisas boas.

Além dessa luta contra nós mesmos, travamos ainda uma luta com próprio Deus: Criatura X Criador. Quanto nos custa fazer a vontade de Deus. Há dentro de nós uma espécie de sede de independência e autonomia que teima por não querer se submeter à Bondade Divina. É o orgulho,

sobre o qual não podemos triunfar senão pelo reconhecimento do direito imprescritível que Deus tem sobre nós.

Meios dados por Deus para nos ajudar a progredir nesse combate:

- Graça santificante ou Graça habitual - torna a pessoa apta para alcançar a santidade de vida, seu fim último que é o próprio Deus, conservando-lhe sua personalidade individual.
- Graça Atual - é a graça dada por Deus mediante as necessidades humanas.
- Domínio das Paixões - é dada por Deus na luta do bem contra os apetites desordenados.
- Ciência Infusa - capacidade dada por Deus aos homens de conhecer a verdade que lhe aprouver conhecer.
- Dons do Espírito Santo - Temor de Deus, Piedade, Fortaleza, Ciência, Sabedoria, Entendimento, Conselho.
- Virtudes - humildade, mansidão, pureza, etc...

Jesus, nosso único modelo

Que contraditório é, percebermos que levamos o nome de cristãos e tão pouco conhecemos aquele do qual tal nome provém. Podemos até mesmo dizer que há um abismo entre esse nome que levamos e a vida daquele que por primeiro o portou: o Cristo. Cada vez mais nos contentamos com aquilo que é periférico - pregações, filmes, canções, etc. e nos esquecemos de buscar a Ele. Quem sabe lemos muita coisa: dos livros de terapias espirituais aos grandes tratados teológicos e nos esquecemos de beber da fonte que é a Sua Palavra. Pouco a pouco vamos nos satisfazendo com belas e empolgantes pregações, shows católicos, músicas, teatros, filmes e abandonamos o Cristo real do Evangelhos.

Precisamos voltar para Jesus. Deixemos de beber nos canais e passemos a beber da própria fonte. Jesus quer ser, e precisa ser a Vida da minha vida.

Enganam-se aqueles que pensam que a vida cristã pode manter-se somente de causas externas, de atividades pastorais incansáveis, agendas cheias, grandes eventos. Nada, absolutamente nada podemos esperar de nossa vida cristã ou de nossos esforços missionários se não for a partir de Jesus.

Não podemos gerar nenhum tipo de vida sobrenatural no coração das pessoas, se nós mesmos só vivemos do natural, respaldando tudo o que fazemos nas nossas próprias forças, capacidades, potenciais, talentos, etc. Como Jesus poderá abençoar-nos se nos bastamos em tudo o que fazemos? Não tenhamos dúvida, suas graças passarão longe de nós e serão dadas àqueles que se apoiam n'Ele. *"Deus resiste aos soberbos, mas concede sua graça aos humildes". (Pv 3,34).*

Outra contradição que podemos encontrar em nossa vida cristã é que, comumente dizemos que todo o esforço missionário que fazemos é para que Deus seja conhecido e amado e os homens sejam salvos. Entretanto, nos esquecemos de que o primeiro que precisa ser salvo sou eu mesmo. Já dizia Santo Agostinho: *“Eu amo Jesus Cristo e por isso mesmo ardo em desejo de lhe dar almas; antes de tudo a minha, depois um número incalculável de outras”*.

A única maneira de tornar nossa vida cristã frutuosa é bebendo, por primeiro, da fonte que tanto nós convidamos os outros a beberem: Jesus. Sem isso, vamos morrer na sequeidão de um trabalho infrutífero que já não atrai mais ninguém, que já não muda mais a vida de ninguém, que já não mais impacta, questiona e arrasta.

A vida em Deus que nós propomos aos outros, vivamo-na primeiro. As graças que nós oferecemos aos outros através das nossas pregações, catequeses, ministério, experimentemo-nas por primeiro. Ninguém pode dar aquilo que não tem.

Se soubéssemos a força que tem um testemunho, perderíamos menos tempo com volume de atividades exteriores e empreenderíamos mais nosso tempo na nossa conversão. Um exemplo arrasta multidões. São Francisco foi um dos que não tardou a descobrir essa verdade. Dizia ele: *“Desde que eu comecei a viver o Evangelho, muitos começaram a me seguir”*.

Se é a vida de Cristo toda que somos chamados a viver, seria oportuno nos perguntarmos: Será que eu tenho reservado momentos de recolhimento a sós com Deus, como fazia Jesus ao se retirar para os montes, a fim de se encontrar com o Pai?

Olhemos bem para nossa vida e vejamos se não são as nossas "justas ocupações" as mesmas a nos afastarem de Deus. Conheço muita gente que se perdeu dizendo que estava trabalhando muito para Deus. Já não tinham mais tempo para rezar e por isso, diminuía cada vez mais a frequência e o tempo dedicado à oração, quando não, a faziam de qualquer jeito (no improvisado e às pressas) ou mesmo negligenciando-a. O acesso aos sacramentos, sobretudo, à confissão e à Eucaristia, se tornavam cada vez mais raros. Por outro lado, o aparente sucesso de suas obras parecia crescer - era comumente aplaudido nas suas pregações; tornava-se cada vez mais conhecido; seu fazer, mais eficiente e creditado; seu nome já tinha se tornado uma logomarca.

Quando o diabo quer nos tirar de junto de Deus, aumenta a fama, o sucesso e o prestígio de nossas obras.

Passando a confiar mais em nossas capacidades, vamos afastando-nos mais e mais de Jesus. A única maneira que Deus encontra para nos ter de volta é fazendo-nos experimentar o fracasso, a derrota, o abandono, a perseguição e a impossibilidade. Só assim, Ele pode se assenhorear de nossos trabalhos. Sabemos, por experiência própria que, quando as coisas que programamos não dão certas, tornam-se ocasiões favoráveis para voltarmos a confiar unicamente no Senhor.

Busquemos a Jesus. A Ele recorramos pressurosos. Só n'Ele encontramos todas as graças e

bênçãos espirituais (Ef 1,3). A graça da fortaleza que vem em auxílio de nossas fraquezas; a graça da conversão mediante o recolhimento de nossos limites; a graça da permanência diante das nossas constantes oscilações; a graça do avivamento em tempo de cansaço; a graça da resistência em meio aos combates e a maior de todas as graças: a nossa salvação. *"No Seu Filho, pelo Seu sangue, temos a Redenção, a remissão dos pecados, segundo as riquezas de Sua graça que derramou profusamente sobre nós"* (Ef 1, 7).

Jesus não é somente causa meritória das graças alcançadas junto ao Pai. Ele é também causa exemplar. Nele nós encontramos o máximo modelo a seguir e imitar. Jesus é o Modelo dos Modelos. Seguir os seus passos é ter a certeza por antecipação de que o céu já nos é dado.

Uma das poucas vezes que Deus Pai se pronuncia nos Evangelhos (no batismo e na transfiguração) é para dizer que nós devemos escutar unicamente a Seu Filho (Mt 17,5). Ter Jesus como modelo perfeito a imitar é ouvir atentamente Sua Palavra. Ele é a própria Palavra Encarnada do Pai (Jo 1,14).

Um dos desejos mais profundos do coração humano é o de poder desvelar seu futuro, conhecer o seu amanhã. Razão essa, nos diz o Papa Bento XVI no seu livro *Jesus de Nazaré*, pela qual o homem busca as Religiões. *"Sabendo-se o que há de vir, o homem pode trilhar um caminho seguro sem fracassar"*. Entretanto, nos diz o Papa, que há outro caminho: a Fé em Deus, na forma de uma promessa dada ao seu povo por meio de um dos seus escolhidos.

A estes são dados mais que a capacidade de prever o futuro. É dada a possibilidade de se comunirem diretamente com Deus. *"O papel do profeta não é o de antecipar os acontecimentos vindouros, e assim servir a curiosidade humana ou a humana necessidade de segurança, mas mostrar o rosto de Deus e assim nos mostrar o caminho que devemos seguir"*. (Papa Bento XVI)

Em Jesus, Palavra encarnada do Pai, temos o Caminho perfeito a seguir. Jesus nos revela o rosto do Pai. É Ele a palavra definitiva do Pai. Tudo o que o Pai quis nos dizer, de uma vez por todas, disse em Jesus.

Se quisermos imitar Jesus, temos que escutá-IO, pois só a Sua Palavra nos dá a Vida Eterna (Jo 6, 68).

Nosso problema é que muitas vezes escutamos muitos tipos de discursos, nos empolgamos diante de tantas palavras bonitas, atraentes que chegam a nós através de propagandas enganosas de que a felicidade está aqui ou ali. Porém, só a Palavra de Jesus não engana porque é palavra do Pai: *"A tua palavra é Verdade"* (Jo 17,7).

Por ser Jesus a palavra proclamada e encarnada, é que podemos não só escutar o que Ele diz como também imitarmos suas atitudes: Sua total confiança no Pai; Seu amor incansável aos pobres; Sua misericórdia sempre pronta a perdoar e dar ao outro a chance de recomeçar; Sua pressa em anunciar o Evangelho para que todos conheçam o amor do Pai; Sua compaixão com os que sofrem; Sua solicitude para com os aflitos; Sua autenticidade diante das atitudes hipócritas; Sua liberdade diante da lei que oprime a vida; Sua coragem em denunciar o que não é vontade de

Deus; Sua humildade; Sua mansidão; Sua vida entregue sem reservas...

Uma vez mais e sempre, insisto. Configuremo-nos a Cristo. Sem Ele nada podemos fazer (Jo 15,5). É necessário que a vida de Jesus em nós chegue primeiro que as nossas palavras. Não nos enganemos, as pessoas acreditam mais na vida do que nas palavras. A palavra que sai de nossos lábios só terá credibilidade se apoiada na nossa vida. Assim como os raios antecipam os trovões, assim também, nossa vida enxertada em Jesus, deve antecipar nossas palavras - o barulho de nossas vozes e pregações.

A vida de Jesus em nós arrasta sem precisarmos fazer nada de extraordinário. Como João Batista que arrastava multidões para ouvi-lo às margens do Jordão sem precisar fazer sequer um milagre. O segredo de João residia no fato de que ele anunciava alguém que era maior que ele (Lc 3,16) e não ele mesmo. A sua própria vida condizia com aquilo que ele anunciava ao povo: uma conversão frutuosa (Lc 3,8).

Permaneçamos em Jesus para darmos abundantes frutos (Jo 15,5). Sem Jesus o fruto de nossas obras e pregações é estéril, nossa correria é vã, nosso cansaço desnecessário. Só em Jesus o fruto de nosso trabalho permanece.

Capítulo 1

Maria, Mãe do Redentor e Mãe dos homens

Nessa escola de perfeição não poderíamos deixar de lado aquela que por primeiro vivenciou a palavra anunciada e testemunhada por Jesus. Estamos falando de Maria Santíssima, a primeira discípula.

Por sua plena correspondência a vontade de Deus, podemos encontrar em Maria um modelo fiel a seguir e poderosa intercessão. Longe de isso vir a contradizer o que está escrito na Carta de São Paulo a Timóteo - *“Porque há um só Deus e há um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, que se entregou como resgate por todos”* (1Tim 2,5) - confirma-o mais ainda, pois os santos só foram santos por terem sido fiéis imitadores de Jesus. O próprio São Paulo assim se expressava: *“Sede meus imitadores como eu sou de Cristo”* (1 Cor 11,1).

Podemos ainda recorrer à intercessão de Maria, pois a própria palavra nos mostra, que Ela pode alcançar muitas graças junto ao Seu Filho Jesus (Jo 2, 1-12).

Na Encarnação do Verbo, a Virgem Santíssima torna-se Mãe do Redentor, Mãe de Deus. O diálogo do Arcanjo Gabriel com Nossa Senhora não é algo intimista. Pelo contrário, o conteúdo da conversa revela que o seu Filho será grande, possuirá o Trono de Davi, reinará eternamente e o seu Reino não terá fim, que será chamado Filho do Altíssimo, Filho de Deus (Lc 1,31-35). Ao responder seu *Fiat*, a Virgem Santíssima tinha plena consciência de que se cumpririam nela as promessas feitas a Israel. Seria Mãe do Messias esperado, Mãe do Salvador e Redentor.

É como Mãe do Redentor que a Virgem Maria está associada à sua obra redentora e dela participa não como uma mera expectadora, mas como uma ativa intercessora.

Maria é a obra prima da Santíssima Trindade; é a humanidade já regenerada; é a filha amada de Deus Pai e por Ele associada à obra da encarnação. É Mãe de Deus Filho e por isso possui Seu amor, Sua atenção, Seu respeito e com Ele está associada ainda que secundariamente à obra de Sua redenção. É Esposa do Espírito Santo e com Ele intercede pela santificação das almas.

Na encarnação, Maria é constituída também nossa mãe. Seu Filho Jesus é a Cabeça de um Corpo místico, que é a Igreja, do qual nós somos membros. Portanto, ao gerar Jesus, Maria gera também aqueles que foram regenerados em seu Filho Jesus Cristo. No calvário, Jesus confirma essa verdade quando nos dá Maria por mãe: *“Eis aí tua mãe!”* (Jo 19,27).

Como, que aquela que é Mãe de Deus e Mãe dos homens poderia ficar fora da vida

daqueles que buscam a santidade?

Maria sempre foi e sempre será a formadora por excelência dos santos. É desejo dela que nós frequentemos a sua sala de aula. E é como Mãe de Deus e Mãe dos homens que ela deseja fazer isso.

Concretamente, como isso acontece? De três maneiras:

Maria como a cheia de graça

Foi Jesus que por Sua morte mereceu para todos nós as graças, sendo que a maior delas é a nossa salvação. Maria as mereceu de forma secundária em dependência do seu Filho.

- Mereceu-as na Encarnação quando livremente deu o seu sim. A Encarnação é a Redenção já começada. Ao cooperar na Encarnação do Verbo, Maria já estava cooperando também na Redenção, isto é, na nossa salvação e santificação.
- Mereceu-as por dar a luz a seu Filho Jesus em meio a tanta falta de recurso.
- Mereceu-as por ter suportado com toda coragem a fuga e o exílio no Egito.
- Mereceu-as também na sua vida oculta em Nazaré, como mestra de Jesus nos trabalhos mais simples do dia-a-dia, nos cuidados para com o menino Deus que em tudo dela dependia.
- Mereceu-as pelo silêncio que fazia diante do Mistério que estava envolvida.
- Mereceu-as pelo envolvimento com a missão de seu Filho durante Sua via pública.
- Mereceu-as pela dor do coração transpassado pela agonia da Paixão e Morte do seu Filho na Cruz.
- Mereceu-as por manter viva a Igreja nascente na oração e na unidade com os discípulos.

E todos os merecimentos de Maria, foram ainda maiores, porque em tudo vivia a plena obediência ao Pai, como escrava que desejava ser e nunca deixando de cantar os seus louvores.

É ela, a plena de graça, que em virtude da participação na obra do Filho, as acumulou para fazer chegar até nós. É cheia da graça para dá-las para toda humanidade. É por isso que podemos diariamente pedir na Ave-Maria: Roga por nós pecadores.

Maria como exemplo

Todos nós podemos imitar a Virgem Maria. Ela foi humana como nós, nos mostrando assim que é possível seguir o seu Filho Jesus. Santificou-se no dia-a-dia como mãe, esposa,

discípula e serva.

Podemos imitar a sua fé, que sem hesitação creu em Deus. Fé essa que comprovou Isabel ao excluir: *“Bem-aventurada és tu que creste”* (Lc 1,45).

Podemos imitar a sua obediência total à vontade de Deus: *“Faça-se em mim segunda a sua vontade”* (Lc 1,38).

Podemos imitar sua humildade que mesmo em meio a tão majestoso convite para ser Mãe do Salvador, se autodenominou de *“Ancilla Domine”,* Serva do Senhor (Lc 1,38).

Podemos imitar sua virgindade (castidade) que de tão valiosa, tornou-se alvo da intervenção que fizera ao Arcanjo Gabriel: *“Como poderá acontecer isso se não conheço homem algum?”* (Lc 1,34).

Podemos imitar sua vida de louvor e gratidão: *“A minh’alma engrandece o Senhor e se alegrou em Deus, meu Salvador”* (Lc 1, 46).

Podemos imitar sua solicitude em servir como vimos nas Bodas de Caná (Jo 2,3).

Podemos imitar seu recolhimento interior que a leva a meditar silenciosamente tudo o que se refere ao seu Filho (Lc 2, 19.51).

Podemos imitar sua coragem que a fez, ainda grávida, caminhar longas horas, para Belém, e em situação desumana dar a luz entre os animais; fugir para o Egito; acompanhar a via dolorosa de seu Filho e Sua morte na Cruz (Lc 2,4-7; Mt 2, 21-23; Jo 19, 25-26).

Podemos imitar sua perseverança, que mesmo em meio à tristeza, a fez continuar fiel à oração junto aos seus filhos discípulos (At 1,14).

Maria é o modelo perfeito e acabado, mas ao mesmo tempo imitável. Quem a ela imita tem a certeza de estar imitando Jesus.

Maria como mediadora

Sabemos que o desejo do Pai é a salvação da humanidade por meio do Seu Filho Jesus, nosso único mediador.

Dessa forma, podemos afirmar que o Pai quer em primeiro lugar nos conferir todas as graças; em segundo lugar, que o que o Filho também deseja, já o tendo feito pelo Mistério da Sua Redenção, vivo e atuante no mundo por meio do Espírito Santo. Um terceiro desejo, também o quer: o de Maria Santíssima, que pelo lugar que ocupa no coração de seu Filho intercede por nós junto a Ele, para obter as graças que tanto necessitamos.

Amados filhos e filhas, diante da grandeza que o Altíssimo realizou em Maria, não

podemos ficar indiferentes a ela. Não podemos deixar de tributarmos as honras que lhe são devidas. Não sejamos cegos a ponto de não enxergarmos na Virgem Santíssima, poderosa intercessão e auxílio. Recorramos a ela, caminho mais rápido e fácil para Jesus. Tenhamos por Maria uma particular devoção. O que significa dizer que devemos ter para com Maria um especial afeto, nos consagrando a Ela com vínculos de *votos* inquebrantáveis. Daí o sentido da palavra devoção - *devotio*.

Esses votos pedem determinadas atitudes para com Maria, sobretudo, uma profunda veneração, uma confiança absoluta e um amor filial. Vejamos cada um separadamente:

Profunda veneração

Jamais poderemos vos amar Maria, como o Deus, Uno e Trino, vos ama.

O Pai te ama com amor paternal, pois és Filha. Jesus te ama com amor filial, pois és Mãe e o Espírito te ama com amor esposal, pois és Sua Esposa.

O que temos para te dar, Maria, é o nosso amor humano, que por mais que algumas vezes possa parecer excessivo será sempre limitado, pois jamais te amaremos como Deus te ama. Quem sabe, Virgem Santa, seja por te amar demais que ao longo dos anos, teus devotos não se cansam de "inventar" maneiras que expressem cada vez melhor o amor que sentem para contigo.

A devoção para contigo precede a dos anjos e santos, pois és Mãe de Deus, Mediadora nossa, Advogada dos Pecadores, Socorro dos Agonizantes. Criatura formosa és tu, Maria.

Como tu, ó Mãe, adoramos somente ao Senhor - "*Minha alma glorifica ao Senhor*" (Lc 1, 46) - e prestamos a Ele um culto de *latría*. Aos teus filhos que hoje vivem na glória e que passaram por tua escola de santidade rendemos um culto de *dulia*, mas a ti Mãe, criatura perfeita que és, prestamos culto de *hiperdulia*.

Profunda Confiança

Confiança essa que nos leva a afirmar que tudo o que pedirmos a teu Filho Jesus por ti, nos será concedido. E em que se baseia tal confiança, Mãe? Na certeza de que Jesus jamais recusaria um pedido teu; na certeza de que o Pai que te confiou ser mediadora da maior de todas as graças - Seu Filho Jesus - te concederia ser também mediadora das graças menores. Ave Cheia de Graça! Na certeza de que o Espírito que gerou Jesus em ti, continua a gerar Jesus no mundo por meio de ti.

Essa confiança em ti, ó Maria, é inabalável. Como miseráveis pecadores que somos, encontramos em ti uma fonte de misericórdia e clemência, pois não competendo a ti exercer a

justiça, de ti nos acercamos sem medo do julgamento.

Quantas vezes, distanciados de teu Filho por causa de nossas transgressões, não foi em ti Maria que encontramos a porta aberta para voltarmos a Ele. *Mater misericordiae, ora pro nobis!* Oh! Imaculado Coração de Maria, sede refúgio para nós pecadores. Fazemos da oração de um dos teus devotos mais queridos, São Bernardo de Claravaux, a nossa súplica confiante: *"Se levantam as tempestades das tentações, se vos encontrais no meio das tribulações, erguei os olhos para a Estrela do Mar, chamai a Maria em vosso auxílio; se sois sacudidos à mercê das vagas da soberba, da ambição, da maledicência, da inveja, olhai para a Estrela, invocai a Maria. Se a cólera, a avareza, os prazeres da carne agitam a barca da vossa alma, ponde os olhos em Maria. Se perturbados pela grandeza dos vossos crimes, confusos pelo estado miserável da vossa consciência, plausível de horror com pensamentos do juízo começais a soçobrar no abismo da tristeza e do desespero, pensai em Maria. No meio dos perigos, das angústias, das incertezas, pensai em Maria, invocai a Maria. À sua invocação, o pensamento dela não se afaste nem do vosso coração, nem dos vossos lábios; E, para obterdes mais seguramente o auxílio das suas preces, não vos descuideis de imitar os seus exemplos. Seguindo-a, não vos extraviais; Suplicando-a não desesperais; pensando nela não vos perdeis. Enquanto ela vos tem em sua mão não podeis cair; sob a sua guia não há cansaço; com o seu favor chega-se seguramente ao termo".*

Mãe Auxiliadora, necessitamos do teu constante auxílio! Senhora do Perpétuo Socorro, confiamo-nos a vós.

Profundo Amor Filial

Criatura amável é Maria. Escolhida para ser Mãe de Jesus. O Pai do Céu a ornou com todas as qualidades que a tornaram uma criatura amável: simplicidade, generosidade, afabilidade, delicadeza, bondade, alegria, disponibilidade...

Como não amar a Amada? Impossível!

Onde o Filho é amado, a Mãe também o é! Dois amores: ao primeiro amamos como Deus e ao segundo amamos como Mãe de Deus.

Alegria o coração do Filho quem ama Sua mãe, como alegria o coração da Mãe quem ama o seu Filho. Amemos Maria! Alegremos o Coração de Jesus.

Quem ama sua mãe procura em tudo agradá-la.

Esse amor filial nos leva a te imitar, Maria, e afazer com que em tudo nos esforcemos para nos conformar à vontade da Divina Sabedoria. Essa é a mais bela homenagem que devemos prestar à Santíssima Trindade: Imitarmos a ti não só com belas palavras, mas com atitudes e comportamentos. Buscar em tudo nos assemelharmos a ti e diante dos infortúnios da vida, nos perguntar repetidas vezes: Como agiria minha Mãe Santíssima nessa situação?

Queremos ser igual a ti, ó Maria, para sermos como Jesus. Pois em tudo te assemelhastes a teu Filho. Acreditamos-nos de ti é acreditamos-nos d'Ele.

Concede-nos a graça, Mãe, de conhecermos tuas virtudes, mais profundamente, e a interiorizá-las, contemplá-las e reproduzi-las em nossas vidas.

Tudo, absolutamente tudo, por ti, contigo e em ti. "*Per Ipso, et cum Ipso, et Ipso*". Como nos recomendava São Luís Maria Grignon de Montfort.

Neste sentido é que buscaremos no decorrer do dia, prestar tributos a ti, ó mãe, e atos de perfeita devoção. Recitando a Ave-Maria, oração com que te honram todos os teus filhos, contemplaremos a tua poderosa intercessão. No *Ângelus*, bendiremos a Deus pelo teu "*Fiat*" (Sim), que nos deu o Verbo feito carne. Pela recitação do *Sub Tuum Praesidium* (Sob a tua proteção), recorreremos confiantemente a tua proteção diante das perseguições e perigos. Na oração da *Domina Mea* (Minha Senhora), confiaremos a ti nossas ações, decisões e pensamentos. Pelo teu Ofício nos juntamos ao coração dos pobres e humildes pedindo que nos auxilie nas lidas da vida. Por fim, na oração do Rosário, nos uniremos ao teu Coração e ao Coração do teu Filho Jesus, meditando os mistérios gozosos, luminosos, dolorosos e gloriosos.

Na Escola da Virgem Maria, formadora dos santos, gostaria ainda de aprofundar um ato de devoção bastante presente na vida de muitos dos seus alunos (os santos) e que tanto bem tem feito às almas cristãs, que é a consagração total a Jesus por meio de Maria: *Ad Jesum per Mariam*.

São Luís Maria G. de Montfort, seu autor e grande divulgador, nos explica que tal ato consiste em se dar inteiramente a Jesus por Maria, na qualidade de escravos. Daí, o outro nome pelo qual essa consagração é chamada: Escravização.

Não nos escandalizemos, e nem reclamemos, antes de conhecer o porquê de tal terminologia. Explica-nos Montfort que diferente do criado, que recebe um salário pelo seu trabalho e que age de liberdade para deixar seu patrão quando bem lhe aprouver, o escravo trabalha sem salário, dependendo totalmente do seu senhor que lhe dá sustento e abrigo, e que lhe dispõe de sua total liberdade.

A "Escravização" revela a maneira pela qual Nossa Senhora se colocou à serviço da obra da redenção: "*Ecce Ancilla Domine*", Eis a Escrava do Senhor (Lc 1,38).

Seu sim foi um abandono total à providência Divina. Ao pronunciá-lo, Maria sabia que não teria mais volta. Para todo sempre serviria a Deus como uma "escrava", que nada reclama, que nada pede para si, mas que se apressa para em tudo fazer a vontade do Altíssimo. "*Fiat mihi secundo verbum tuum*" (Lc 1,38).

Necessitamos, ó Mãe, nos consagrarmos a ti. Precisamos nos tornar "escravos" da Divina Sabedoria, pois assim teremos a certeza que não faremos mais as coisas do nosso jeito. Que não voltaremos atrás nas nossas decisões e votos feitos para com Jesus por meio de ti. Oh, Maria! Num mundo que cada vez mais vive de "sins" passageiros, acorrenta-nos a ti, a fim de que não

sejamos assolados pelos vendavais do relativismo onde nada mais possui valor eterno. Quantos cristãos, ó Mãe não desistiram da Igreja em busca de uma fé de supermercado, na qual se pode “comprar” apenas o que se aprecia. Quantos religiosos, Mãe que na hora de se unir a ti no mistério da paixão, do sofrimento pelo Reino, da fadiga pela missão, da entrega das próprias vontades e desejos, não se desfizeram até mesmo dos seus Sagrados Votos, professados publicamente no seio da Santa Igreja. Quantos sacerdotes que invadidos pela perda do sentido do seu Ministério e pela onda da dessacralização, hoje vivem friamente num total desencanto o ofício de serem dispensadores do Sagrado e guias do rebanho a eles confiado. Urge mais do que nunca em nossas almas, o desejo de sermos teus, Santíssima Virgem. *Totus Tuus Maria.*

Quais graças alcançamos por meio dessa devoção?

- A primeira é a de glorificarmos a Deus do modo que Ele merece. Dando-nos a Maria, chegaremos a Deus pelo mesmo caminho que Ele chegou a nós: por meio de Maria.
- A segunda é termos assegurada a nossa própria santificação. Tendo entregue tudo a Maria, Ela tudo fará para obtermos abundantes graças que nos ajudarão a conservar as virtudes já adquiridas, aumentá-las e obter as que ainda necessitamos.
- A terceira é a santificação das almas que nos foram confiadas. Uma vez tendo confiado a Maria nossos méritos e satisfações, Ela os retribuirá também, prudente e providentemente, aqueles a quem amamos e recomendamos nossas orações e sacrifícios.

Nada receemos! Por Maria iremos a Cristo! *Per Maria Iesu Christus.*

Se não bastasse o tão poderoso auxílio da Virgem Maria, podemos contar ainda com a ajuda dos anjos e dos santos. Deveras, Deus providenciou todos os meios para nossa salvação. Deu-nos Seu Filho, prometeu-nos o Espírito Santo, criou a mais bela das criaturas, Maria e deu-nos os anjos, poderosos guardiões e os santos como modelos de virtudes. Providência admirável de Deus. Havemos de ser eternamente gratos!

Capítulo 2

Como os Anjos colaboram para nossa santificação

Como nossos protetores - *“Vou enviar um anjo adiante de ti para te proteger no caminho,*

para te conduzir ao lugar que te preparei." (Ex 23,20).

Como nossos guardiões - *"Porque aos anjos Ele mandou que te guardasse em todos os teus caminhos" (Sl 90,11). Pediu Jacó aos seus filhos: "O anjo que me guardou de todo mal abençoe esses meninos" (Gn 48,16).*

Como exemplo de obediência - *"Bendizei ao Senhor todos os anjos, valentes heróis que cumpris suas ordens, sempre dóceis à sua palavra" (Sl 102,20).*

Como nossos intercessores - *"O anjo do Senhor disse: Senhor dos Exércitos até quando ficareis insensível a sorte de Jerusalém e das cidades de Judá. Já faz setenta anos que estais irritados contra ela" (Zc 1,12). "... Eu apresentava as tuas orações ao Senhor..." (Tb 12,12). "Não temos Zacarias pois foi ouvida a tua súplica" (Lc 1,13).*

Como nossos livradores/libertadores - *"Agora vejo que o Senhor mandou verdadeiramente o seu anjo e me livrou da mão de Herodes e de tudo o que espera o povo dos Judeus" (At 12,11). "Nabucodonosor disse então: Bendito seja o Deus de Sidrac, Misac, Abdênago, que mandou o seu anjo libertar os seus servos que nele confiaram" (Dn 3,95). "Durante a noite, porém, o anjo do Senhor abriu as portas da prisão e os fez sair..." (At 5,19).*

Como portadores de mensagens divinas - *"No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré. Foi a uma virgem, prometida em casamento..." (Lc 1,26-27). "Cornélio então respondeu: Há quatro dias, nesta mesma hora, eu estava em casa recitando a oração das três horas da tarde, quando se apresentou diante de mim um homem com vestes resplandecentes e me disse: Cornélio, sua oração foi ouvida e suas esmolas foram lembradas diante de Deus" (At 10,30-31).*

Como seres que vivem na eterna presença de Deus - *(Dn 7,10; Jo 1,51; 2Cor 18,18; Is 6,1-3; Ef 1,21; Col 1,16; 1Pd 3,22) e gozam já da visão beatífica.*

Os Santos Anjos desejam que nos juntemos a eles na eterna Bem-aventurança para com eles glorificarmos ao Altíssimo Deus, participarmos da mesma visão beatífica e possuirmos o mesmo estado sobrenatural; *"Na ressurreição, os homens não terão mulheres nem as mulheres maridos, mas serão como os anjos de Deus no céu" (Mt 22, 30).*

Eles trabalham incansavelmente na nossa santificação como nos diz o Apóstolo Paulo: *"Não são os anjos espíritos ao serviço de Deus, que lhe confia missões, para o bem daqueles que devem herdar a salvação?" (Hb 1,14).*

Combatem conosco contra o ardil inimigo e seus anjos pervertidos, pois uma vez, já os derrotou: *"Houve uma batalha no céu, Miguel e seus anjos tiveram de combater o dragão. O dragão e seus anjos travaram combate, mas não prevaleceram" (Ap 12,7). "Vi então descer do céu um anjo que tinha na mão a chave do abismo e pesada corrente. Ele apanhou o dragão, a primitiva serpente, que é demônio e Satanás e ele o acorrentou por mil anos" (Ap 20,10).*

Qui ut Deus! Quem como Deus! Deve ser nosso grito de guerra ao invocar nossos anjos defensores diante das investidas do pérfido opositor.

Desde que os anjos rebeldes abandonaram seus postos no céu, andam os anjos a recrutarem almas adoradoras para ocuparem os seus lugares. "Não tardeis em recrutar a minha alma santos Anjos, para que convosco possa glorificar o Cordeiro"; "A voz de muitos anjos, em número de miríades e miríades e milhares de milhares bradando em alta voz: Digno é o Cordeiro Imolado de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a glória, a honra e o louvor." (Ap 5, 11-12)

O bom Deus não só colocou os Príncipes da sua corte ao nosso dispor, como nos deu um em particular: o Anjo da Guarda (Mt 4,6). A fim de obtermos o maior proveito da sua guarda e intercessão, tenhamos por ele veneração, confiança e amor.

"Venero-vos, Santo Anjo da Guarda, saudando-vos com estimada gratidão, pois sei que estando face a face com Deus, ofereces a Ele nossas súplicas e obténs para nós, graças inefáveis. Confio em vós, meu zeloso guardador, pois sei que possuis a força para nos defender das tentações do demônio, bem como o auxílio para nos proteger das ocasiões de perigo. Amo-vos e estimo bondoso amigo, que tanto faz para minha salvação e felicidade eterna. Sei que um dia, no céu, poderei conhecer quão inúmeros foram teus favores, por isso vos peço que na hora final conduza minha alma para a mansão celeste."

Capítulo 3

Como os santos colaboram para nossa santificação

Ora, basta olharmos para suas vidas que nelas encontraremos um farto material com os quais nos serviremos na luta pela nossa santidade.

Quantos deles não tiveram os mesmos vis desejos que nós? Quantos não sofreram as mesmas espécies de tentações? Quantos não passaram pelas mesmas etapas de transformações? Mas graças aos seus esforços e a colaboração da graça divina foram vitoriosos e seus testemunhos nos levam a tomar a resoluta decisão de também nós os sermos, recomendando-nos de maneira particular às suas poderosas intercessões.

Assim, como aos anjos, prestemos a eles um culto de *dulia*. Veremos neles tudo àquilo que o próprio Deus prodigiosamente realizou ao orná-los de virtudes, dons e qualidades sobrenaturais. Honremos os que pela perseverança souberam corresponder ao amor augustíssimo de Deus, tornando-se assim, paulatinamente um outro Cristo.

Admiremo-nos por vermos neles docilidade às inspirações do Espírito Santo, que os levou a dominarem todas as tendências da natureza corrompida pelo pecado. Invoquemos a eles a fim de assegurarmos que, por suas intercessões, alcançaremos as graças atuais que faltam para nossa santificação e salvação. E os façamos, sobretudo, celebrando suas festas memórias.

De modo particular procuremos imitar as suas virtudes, que nada mais são que a imitação do Divino Mestre. O próprio São Paulo nos pedia isso: *“Irmãos, sede meus imitadores, e olhai atentamente para os que vivem segundo o exemplo que nós vos damos”* (FL 3, 17).

Podemos, sobretudo, seguir o exemplo daqueles cujas vidas se assemelham mais as nossas e buscar neles as virtudes que tanto necessitamos.

A virtude da paciência como Santa Mônica;

A virtude da pobreza como São Francisco e Santa Clara;

A virtude da sabedoria como São Tomás e Santo Agostinho;

A virtude do silêncio como Santo Antão;

A virtude da obediência como Santa Terezinha;

A virtude de tudo sofrer e suportar como São Paulo, Santo Estevão, São Lourenço, Santa Ágata, Santa Cecília, Santa Inês, etc.

A virtude da vida oculta como Santa Margarida de Cartona;

A virtude do serviço aos pobres como São Vicente de Paulo, São Paulo da Cruz, beata Tereza de Calcutá;

A virtude da ousadia como Santo Inácio de Loyola, Dom Bosco, São Francisco Xavier, etc.

“Veneramos a cada um de vós, santos varões, santas mulheres; mártires, virgens, doutos e plebeus, na certeza que estaremos prestando tributos Àquele que é o modelo mais perfeito de santidade: Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Já não há distinção entre a Cabeça (Cristo) e os membros (a Igreja), pois todos fazem parte de um mesmo e único Corpo.

O nosso papel no esforço pela santidade

De nada bastariam todos os meios que Deus colocou ao nosso dispor se não fizemos a nossa parte. A graça só pode atuar a nosso favor se na nossa liberdade, aceitamos participar da Vida de Deus. *“É para que sejamos homens livres que Cristo nos libertou”* (Gl 5,1). Infelizmente em

nome da liberdade, cada vez mais assistimos o triste espetáculo de um mundo que mais e mais se distancia de Deus.

"Sabemos que Deus nos salvou e chamou à santidade, não em atenção às nossas obras, mas em virtude do seu desígnio, da graça que desde a eternidade nos destinou em Cristo Jesus" (2Tim 1,9). Isso, porém, não é pretexto para nos resignarmos e esperarmos que Deus faça tudo por nós, pois é o próprio Apóstolo Paulo que assim nos recomenda: "Tu, portanto, meu filho, procura progredir na graça de Jesus Cristo" (2Tim 2,1) "e se aperfeiçoar na prática do bem" (Tt 3,8). Nada haverá de dar mais satisfação a Deus, se utilizarmos, mediante nossos esforços, a graça da salvação que nos foi dada em Jesus Cristo: "Por isso vos exortamos que não recebais a graça de Deus em vão" (2Cor 6,1).

A primeira atitude que nos compete para fazermos a graça progredir em nós e nos aperfeiçoarmos é o combate contra aquilo que em nós é motivo de queda, contra aquilo que no mundo contribui para a nossa perdição e contra o próprio autor do mal, Satanás.

A luta contra nós mesmos

Na luta contra nós mesmo, enfrentamos a concupiscência da carne, que é o amor desordenado aos prazeres dos sentidos.

Seríamos tolos se afirmássemos aqui, que o prazer é um mau em si mesmo. Criado por Deus ao criar o homem, o prazer tem como fim a felicidade do próprio homem, no que refere a sua principal sobrevivência e existência. Como é o caso do prazer de comer, do prazer que atrai homem e mulher para a perpetuação responsável da espécie humana, do prazer gerado por uma provação superada, etc. Tudo aquilo que tende para um fim bom, em última instância, tende ao próprio Deus.

Buscar o prazer como fim único e imediato, desprovido da finalidade para o qual foi criado é sujeitar-se aos instintos mais primitivos e compulsivos, semelhante aos do animal irracional. Sobre isso, já nos alertava São Paulo: *"Não reine, pois, o pecado em vosso corpo mortal, de modo que obedeçais aos seus apetites, nem ofereçais os vossos membros ao pecado, como instrumento do mal. Oferecei-vos a Deus, como vivos, salvos da morte para que os vossos membros sejam instrumentos do bem ao seu serviço"* (Rm 6,12-13).

O que fazer diante do desejo que nos arrasta de forma tão violenta? Como sermos senhores de nossos sentidos que tão facilmente nos levam a pecar?

Na Tua própria Palavra, Senhor, é que eu encontro o remédio para tão grande mal:

A mortificação: *"Eu vos exorto, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, a oferecerdes vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus; é este o vosso culto espiritual" (Rm 12,1). "Pois os que são de Jesus Cristo crucificaram a carne, com as paixões e concupiscências" (Gl 5,24). Muitos dirão que tal prática atenta contra o bom senso, pois é coisa do passado, "nada que umas terapias não possam ajustar"; outros a criticarão por considerá-la violenta. Mortificar os sentidos,*

nada mais é que submetê-los a finalidade para os quais foram criados, que é o bem e a felicidade da própria pessoa conforme os desígnios de Deus. Atenta muito mais para com a nossa humanidade, o desregramento dos sentidos, pois nos tornando escravos dos prazeres, estaremos nos privando da verdadeira felicidade, da capacidade de amar e, por conseguinte, "coisificando" as pessoas em objetos das nossas paixões. *"Ao contrário, castigo o meu corpo e o mantenho em servidão de medo de vir mesmo a ser excluído depois de eu ter pregado aos outros"* (1Cor 9,27).

Evitar ocasiões de pecado: Em outras palavras, fugir de lugares, pessoas e situações que possam constituir para nós causa de perigo, nos levando, conseqüentemente, à queda.

Detestar a curiosidade: Que nos leva ao desejo imoderado de ver, ouvir e conhecer coisas que possam alimentar nossa imaginação, pensamentos e fantasias perniciosas.

Desapego das coisas materiais: A avareza também é uma forma de concupiscência, à medida que alimenta em nós o apego desordenado ao dinheiro, aos prazeres e honras que eles podem nos dar, além de seu desejo imoderado nos levar a cometer injustiças, a ponto de manipularmos e usarmos da boa vontade das pessoas. *"Ajuntai para vós tesouro no céu, onde não os consomem nem as traças nem a ferrugem e os ladrões não furam nem roubam"* (Mt 6,20). Nos diz o grande asceta Bossuet no seu tratado sobre a concupiscência (Traité de la concupiscence) : *"Felizes os que retirados humildemente na Casa do Senhor, se deleitam na nudez de suas pequeninas celas. Ditasas aquelas que ficando, conforme o seu estado, no meio do mundo não são por ele tocadas, que passam por ele, sem se lhe apegarem". "Bem-aventurado os que têm um coração de pobre, porque deles é o Reino dos Céus!"*(Mt 5,3).

Cultivar a humildade: Virtude pela qual nos livramos do orgulho e da soberba, princípios de grandes males para a alma que procura a santidade. Por essas inclinações, nos excedemos no amor próprio, estimando exageradamente a nós mesmos, atribuindo todo êxito e sucesso as nossas próprias capacidades, e não poucas vezes desprezando aos demais como fazia o orgulhoso fariseu diante do publicano (Lc 18,9-14). Decerto: *"O Senhor derruba do trono os poderosos e exalta os humildes"* (Lc 1,52).

Almejar a simplicidade: Cujo oposto é a vaidade pela qual se busca por todos os meios a aprovação e o louvor das pessoas. Com ela, vêm outros males como a jactância que nos leva a vanglória sobre nós mesmos; como a ostentação pela qual procuramos atrair a atenção das pessoas pelo luxo e pelo fausto; como a hipocrisia contra a qual Nosso Senhor tanto bateu de frente e pela qual nos mascaramos fingindo possuir virtudes que não temos.

Tão baixo nos pode fazer cair o orgulho, inimigo dos que buscam o caminho da perfeição. Ele nos priva das graças que o bom Deus nos tem para conceder, pois presunçosamente nos consideramos autor de todos os beneplácitos; *"Deus resiste aos soberbos, mas dá sua graça aos humildes"* (Pv 3,34). Quando somos tomados pelo orgulho, ao cairmos somos invadidos por tão grande desânimo que nos faltam forças para levantar. O orgulhoso nunca aceita cair, perder ou falhar. Pior ainda quando tem que reconhecer que errou, pois a todo custo procura justificar dizendo que não foi culpa sua. Geralmente o orgulhoso não aceita ser corrigido e vive se

corroendo pela inveja e o ciúme.

"Amado Deus vós me perscrutais e me conheceis sabeis tudo de mim" (Sl 138,1-2).

"Fostes vós que plasmastes as entranhas de meu corpo" (Sl 138,13).

"Eu vos bendigo por me haverdes feito de modo tão maravilhoso" (Sl 138,14).

"Nada de minha substância vos é oculto" (Sl 138,15).

"Como um jovem manterá pura a sua vida?" (Sl 118,9).

"Vivendo na inocência, praticando a justiça e pensando o que é reto no seu coração" (Sl 14,2).

"Sois o meu Senhor, e fora de vós não há felicidade para mim" (Sl 15,2).

"Ponho sempre o Senhor diante dos olhos, com Ele não vacilarei" (Sl 15,8).

"Por isso meu coração se alegra e minha alma exulta, e até meu corpo descansa seguro" (Sl 15,9).

"Eu vos amo, Senhor!" (Sl 17,2).

A luta contra o "mundo"

Na luta contra o mundo, combateremos aquilo que nele está em desacordo com a vontade de Deus. Sabemos que o mundo e tudo o que nele existe como obra criada pelas mãos de Deus é bom. O livro do Gênesis nos diz que quando Deus terminou de criá-lo, contemplou a sua obra e viu que tudo era muito bom (cf. Gn 1,31).

É importante ressaltar esse aspecto da beleza do mundo criado por Deus, a fim de não incorrerem em erros generalizantes que condenam, *a priori*, o mundo como sendo só um lugar de pecado, corrupção e sofrimento. *"Com efeito, de tal modo, Deus amou tanto o mundo que lhe deu seu Filho único para que todo que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3,16).*

Conforme nos diz São João no seu prólogo, o mundo seria daqueles para os quais o Verbo veio, mas por causa da corrupção do pecado, *"não o receberam"* (Jo 1,11). Não acolheram a redenção inaugurada por Jesus e por livre escolha e em sua consciência decidiram permanecer no erro e no pecado. *"Ora este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz, pois as suas obras eram más" (Jo 3,19).*

O mundo seria, portanto, os incrédulos, hostis a Deus e ao seu plano de amor; os indiferentes que tratam a salvação em Jesus Cristo como um "atraso de vida" e a prática da religião como um estágio primitivo da história humana; os pecadores impenitentes, que por

estarem tão arraigados aos seus pecados, classificam a fé e o conjunto de suas doutrinas como sendo algo repressor, punitivo, castrador, contrárias às leis humanas, fundadas num antropocentrismo egocêntrico, cujo poder de decisão compete exclusivamente ao indivíduo; "A vida é minha, portanto, faço dela o que eu bem quero". Para esses, perguntamos? Onde fica o respeito aos princípios gerais que regem a humanidade? O bem comum? A ética? Os valores morais?

Por último, o conceito de mundo tem haver também com os "mundanos". Apesar da expressão ser um tanto quanto pejorativa, seriam aqueles para quais o mundo basta por si mesmo. A máxima que os rege é o aqui e agora e as leis que dela derivam são: enriquecer a qualquer custo, o dinheiro tudo compra, conforto e bem estar acima de tudo, prazer sem limites, etc. *"Adúlteros vós não sabeis que a amizade com o mundo é inimizade com Deus?"* (Tg 4,4). Esqueceram-se de que a figura desse mundo é passageira e que não vale a pena fixar a atenção naquilo que não é eterno. Sobre esses disse Jesus: *"Insensato! Nessa noite, ainda, exigirão de ti a tua alma e as coisas que ajuntaste de quem serão?"* (Lc 12,20). *"Porque há muitos por aí, de quem repetidas vezes vos tenho falado e agora vos digo chorando, que se portam como inimigos da cruz de Cristo, cujo destino é a perdição, cujo deus é o ventre, para quem a própria ignomínia é causa de envaidecimento, e só têm prazer no que é terreno"* (Fl 3,18-19).

Como continuadores da missão salvífica, o mundo deve ser para nós lugar de missão, e se assim o é, devemos olhar o mundo com os olhos da eternidade. Devemos viver nele, não dele. *"Não peço que os tire do mundo, mas sim que os preserves do mal"* (Jo 17,15). Sejamos no mundo sinais do céu como nos pediu Jesus: *"Vós sois a luz do mundo"* (Mt 5,14). *"Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas obras e glorifiquem vosso Pai que está no céu"* (Mt 5,16). Não nos iludimos, pensando que tal tarefa que o Evangelho nos impõe seja coisa fácil. Vale o alerta de Jesus: *"Dei-lhes a tua palavra, mas o mundo os odeia, porque eles não são do mundo com Eu também não sou do mundo"* (Jo 17,14). Assim, como o mundo não mais nos fascina, assim também nós não mais o fascinamos. Tornamo-nos para o mundo, não poucas vezes, objeto de repulsa e estranheza, isso porque nossa maneira de proceder, de falar, vestir, etc, é em si um sinal profético de denúncia das suas enganosas propagandas do ter, do prazer, e do poder: *"Se fosseis do mundo, o mundo vos amaria como sendo seus. Como, porém, não sois do mundo, mas do mundo vos escolhi, por isso o mundo vos odeia. Lembrai-vos da palavra que vos disse: O servo não é maior do que seu Senhor. Se me perseguiram, também vos hão de perseguir"* (Jo 15,19-20). Como que num desabafo disse o grande asceta humanista São Francisco de Sales, em sua Introdução à Vida Devota: *Façamos o que façamos o mundo sempre nos moverá guerra*".

O último combate é contra o autor do mal, o demônio

Como vimos anteriormente, não podemos atribuir ao demônio todos os erros que cometemos, pois muitos deles são cometidos pela nossa própria concupiscência e na relação com o mundo exterior. Entretanto, sabemos que o tentador pode influenciar nossos sentidos,

sobretudo a imaginação e a memória, bem como as paixões. Com isso, salvaguardamos as nossas faculdades superiores como a vontade e a inteligência, santuários que o próprio Deus reservou para si. *"Só Deus pode perscrutar a alma"* (Sl 138).

A Escritura nos diz que desde o princípio, movido pela inveja (Sb 2,24) Satanás é mentiroso (Jo 8, 44). Dessa forma ele seduziu nossos primeiros pais (Ap 12,9 ; 20,10). Desde então, ele não cessou mais de guerrear e tramar contra os descendentes de Adão.

Com a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo à humanidade, ele foi derrotado, o que não significa dizer que ele foi eliminado.

Diz-nos São Paulo: *"Não é contra homens de carne e sangue que temos que lutar, mas contra os principados e potestades, os príncipes deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal espalhadas no ar"* (Ef 6,12), e São Pedro nos exorta para a vigilância, pois *"o demônio anda ao nosso redor como leão que ruge buscando a quem devorar"* (1 Pd 5,8).

O reto ensino sobre o demônio nos faz dizer ainda que, como criatura que teve sua origem em Deus, seu poder é limitado, apesar dos estragos e da perdição que pode causar a uma alma. Sua atuação, é permitida dentro de um plano da providência Divina que agindo por causas segundas, faz com que tudo concorra para a nossa salvação, isto é, resistindo às investidas do demônio acumulamos méritos para o Céu. Por outro lado, Deus não permite que ele nos tente além das nossas forças. *"Deus é fiel, não permitirá que sejais tentados além de vossas forças, mas com a tentação Ele vos dará os meios de suportá-las e saíres delas"* (1Cor 10,13).

As Sagradas Escrituras nos dão as armas para vencer o inimigo:

Vida no Espírito: Quando Jesus defrontou-se com o diabo no deserto, Ele não foi pego de surpresa, ocorreu justamente o contrário. Movido pelo Espírito, Jesus foi levado à presença do inimigo para derrotá-lo (cf. Mt 4,1).

Pelo poder da palavra: *"Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus"* (Mt 4,4). Não basta, porém, sermos somente conhecedores da palavra, pois o próprio texto nos mostra que o diabo também a conhece. Precisamos ser praticantes da palavra (Tg 1,22).

Pela Adoração: *"Adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás"* (Mt 4,10). Conforme nos disse Jesus citando o Deuteronômio (ver Dt 6, 13).

Pela Verdade: *"Dizei somente sim se é sim e não se é não. Tudo que passa, além disso, vem do Maligno"* (Mt 5,37).

Pela oração e jejum: *"Quanto a essa espécie de Demônio só se pode expulsar à força de oração e de jejum"* (Mt 17,20b).

Pelo poder do Nome de Jesus: *"Diante do qual se dobra todo joelho no céu, na terra e nos infernos"* (Fl 2,10).

Pela virtude da Santa Cruz: Que aniquilou toda a inimizade (Ef 2,16).

Pela obediência e perseverança: *"Sede submissos a Deus. Resisti ao demônio e ele fugirá para longe de vós"* (Tg 4,7). *"Resisti-lhe fortes na fé"* (1Pd 5,9).

Por uma firme adesão a Igreja de Jesus Cristo: Sobre a qual as portas do Inferno jamais prevaleceria (cf. Mt 16,18).

Pelo ministério de libertação dado a Igreja, de maneira particular aos seus discípulos (cf. Mt 10,8).

Por uma sincera devoção à Virgem Santíssima: Aquela que pisou na cabeça da serpente (cf. Gn 3,15), assim como a São Miguel Arcanjo, patrono do povo de Deus e da Igreja (cf. Ap 12,7-9).

Pela assiduidade aos Sacramentos da Igreja, particularmente ao sacramento da confissão que nos tira das amarras do inimigo e a Eucaristia, remédio para todos os males.

Santa Teresa nos indica ainda o uso dos **sacramentais**, como o sinal da cruz e, sobretudo, a água benta que ela sempre levava presa à cintura. Na sua Obra *"Vida Por Ela Mesma"*, ela nos relata que *"uma noite jogou água benta nos demônios que queriam lhe sufocar e estes fugiram numa multidão como se precipitassem dum lugar alto"*.

"Senhor dos Exércitos, vencedor das batalhas, bem sei que este combate é perpétuo e se vós não estiverdes conosco, rápido sucumbiremos. Guarda-nos, ó Deus, e o Maligno não nos tocará (1Jo 5,19); preserva-nos do mal (Jo 17,15), livra-nos do mal (Mt 6,13b). *Eu, então, haverei de cantar vosso poder e celebrar vossa bondade porque fostes para mim um abrigo e refúgio nas minhas aflições* (Sl 58,17). *"Se Deus é por nós quem será contra nós?"*(Rm 8,31).

Capítulo 4

**"Sede perfeitos
como vosso Pai do Céu
é perfeito" (Mt 5,48)**

A vida cristã não é somente um combate. Esse é apenas um aspecto, e digamos que secundário. O papel primário da vida em Cristo é, sobretudo, o aspecto positivo da felicidade para a qual Deus nos criou (1Tes 5,9). Entretanto, como um barco que saindo do porto com uma direção a seguir e vendo-se assolado por fortes tempestades e correntezas contrárias, precisa manter a todo custo o trajeto previsto, assim também nós, nessa vida, para ganharmos a felicidade eterna, precisamos remar contra ventos contrários. Precisamente aqui se compreende a luta que temos que travar contra nós mesmos, o mundo e o mal.

A graça que nos foi dada pelos méritos da morte de Cristo precisa ser desenvolvida ao máximo, como Ele mesmo nos convocou: "*Sede perfeitos como vosso Pai do Céu é perfeito*" (Mt 5,48).

Num primeiro momento, nossa humanidade pode retrucar dizendo que tal estado lhe é impossível de ser alcançado. Creiamos, o é! Pois o estado de perfeição para o qual somos chamados consiste, sobretudo, na prática da caridade, lei suprema que Jesus veio instaurar; "*Amai-vos uns aos outros*" (Jo 15,12) e pela qual nos unimos ao estado divino; "*Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo o que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor*" (1Jo 4,8). A continuidade desse mesmo capítulo nos atesta para o que estamos querendo dizer: "*Ninguém jamais viu a Deus; Se nos amarmos mutuamente, Deus permanece em nós e o seu amor em nós é PERFEITO*" (1Jo 4,12).

Dito isso, podemos afirmar que Deus, ou seja, o Seu amor em nós é que nos torna perfeitos. É Ele a causa principal e primária, pois foi Ele quem nos potencializou com a capacidade de amar e de fazer o bem; Ele nos elevou a um estado sobrenatural; aperfeiçoou nossas virtudes; nos deu os dons do Seu Santo Espírito e, se não bastasse, nos concedeu ainda as graças atuais. "*Não sou eu quem opera, disse São Paulo, é a graça de Deus que está comigo*" (1Cor 15,10).

São João na sua Carta nos diz ainda que "*o amor de Deus para conosco se manifestou quando enviou ao mundo o seu Filho único para que vivêssemos por Ele*" (1 Jo 4,9). Eis aqui a razão pela qual podemos almejar a perfeição, razão essa que levou tantos homens e mulheres no decorrer dos séculos a se decidirem pela santidade; "viver por Ele", buscar um a união mais íntima com Nosso Senhor Jesus Cristo; Deixar tudo por Ele (cf. Mt 16,24).

Aproximemo-nos do autor da santidade e tanto mais seremos santos. É dele mesmo que parte tão sublime convite: "*Permanecei em mim e eu permanecerei em vós. O ramo não pode dar fruto por si mesmo se não permanecer na videira. Assim vós, não podeis tampouco dar frutos (serem santos) se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer*" (Jo 15,4-5).

Todas as lições e exemplos que Jesus nos deixou, tinham como objetivo manifestar o amor Pai (Jo 15,15b). Por isso, o apelo à conversão (Mt 4,17), o chamado dos primeiros (Mt 4,18-22), os sinais (Mt 4,23), os sermões (Mt 5,1-22), as parábolas, as exortações, o exemplo, as perseguições, os sofrimentos, Sua morte e ressurreição. Tudo convergia para o mesmo fim:

Revelar o amor do Pai.

O Evangelho de São João menciona Deus como Pai por mais de cento e vinte vezes. Só no capítulo dezessete, a Oração Sacerdotal de Jesus, cerca de quarenta e cinco vezes. Emerge daí um dos temas principais do quarto Evangelho: A paternidade de Deus.

Sendo Deus a causa primeira da nossa perfeição, compete-nos em tudo corresponder de livre vontade à Sua graça que habita em nós. Do contrário ficaríamos numa espécie de amor que nada exige ou pede. O Senhor nos deu o exemplo para que façamos o mesmo. Deu sua vida por nós para que também nós a dêssemos pelos irmãos (1 Jo 3,16). *"E se acaso alguém disser que ama a Deus mais não ama seu irmão é mentiroso. Porque aquele que não ama seu irmão a quem vê será incapaz de amar a Deus que não vê. Temos de Deus este mandamento: O que amar a Deus ame também a seu irmão"* (1 Jo 4,20-21). Esse mandato para amar, tornar-se-á uma verdadeira exigência quando tomar feição de amor aos inimigos, pois amaremos como Deus ama e seremos perfeitos. Vejamos o texto de Mateus na íntegra: *"Tendes ouvidos o que foi dito: a amarás teu próximo e poderás odiar teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos maltratam e perseguem. Deste modo sereis filho de vosso Pai do céu, pois ele faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons, e faz chover sobre justos e sobre os injustos. Se amais somente os que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem assim os próprios publicanos? Se saudais apenas vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Não fazem isso também os pagãos? Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito"* (Mt 5,43-49).

O amor de Cristo nos impele:

A amar quem não conhecemos (Lc 10,10-36);

A amar quem não nos ama (Mt 5,44);

A perdoar sempre os pecados (Lc 7,36-47);

A dar a própria vida por seus amigos (Jo 15,13);

A não fazer distinção de pessoas (Tg 2,1-13);

A servir (Jo 13,14-16);

A guardar Seus mandamentos (Jo 14,15).

Capítulo 5

Os Dons do Espírito Santo

O primeiro grande dom de Deus é o próprio Espírito Santo, que é o amor mesmo com que Deus Se ama e nos ama. Deste primeiro grande dom, procedem todos os demais, pois onde o Espírito Santo está, estão também Seus dons.

Num sentido amplo, podemos dizer que tudo o que recebemos de Deus "são dons do Espírito Santo". Em sentido próprio e restrito, recebe esse nome, certos **hábitos sobrenaturais infusos por Deus**. Vejamos o que isso quer dizer.

Ao dizermos que são **hábitos** estamos afirmando que eles permanecem em nós - habitam em nós.

O texto de Isaías diz que os dons "repousariam" sobre o Messias (cf. Is 11,2-3), ou seja, que permaneceriam n'Ele; que o habitariam. Podemos ver o cumprimento dessa promessa quando Jesus na sinagoga de Sua cidade natal assume para Si a profecia predita por Isaías; "*O Espírito do Senhor repousa sobre mim, porque me ungiu e me enviou...*" (Lc 4,18).

Esse mesmo Espírito, com Seu elenco de dons, também habita em nós segundo nos leva a afirmar o princípio da economia da salvação que nos diz que tudo que Jesus adquiriu para Si o adquiriu também para nós: "*Deus predestinou-nos a sermos conforme a imagem de seu Filho*" (Rm 8,29). Tudo o que é adquirido por Cristo, Cabeça da Igreja, chega também a nós, seus membros.

É baseado nesse princípio que São Paulo vai construir a sua doutrina sobre o Espírito Santo: "*Ou vocês não sabem que o seu corpo é templo do Espírito Santo, que está em vocês e lhes foi dado por Deus?*" (1Cor 6,19). "*Uma vez que o Espírito Santo habita em vocês, já não estão sob o domínio dos instintos egoístas, mas sob o Espírito*" (Rm 8,9).

Gostaria de chamar a atenção para um detalhe exegético importante, quando Paulo nos diz que somos templo do Espírito Santo. Existem dois vocábulos em grego para a palavra templo: "*naos*" usado para designar o lugar onde apareciam as manifestações da glória de Deus - o *Santo dos santos* - e "*ieron*" que se aplicava ao templo inteiro. Paulo usa o vocábulo "*naos*" para dizer que nosso corpo é o lugar onde o Espírito de Deus não só habita (infusão) como também se manifesta (efusão).

Ao dizermos que esses hábitos são **sobrenaturais**, estamos dizendo que eles têm sua origem e procedência em Deus. É Ele, que na Sua infinita liberdade e por Sua própria iniciativa os concede a nós. Jamais poderíamos adquiri-los por nossas próprias forças. Por isso mesmo é que eles são **infusos por Deus**.

Os dons são necessários para conduzirem a alma ao seu fim último que é a vida eterna. Por meio

deles nos unimos mais perfeitamente a Deus em uma vida de santidade.

A existência dos dons do Espírito Santo tem seu fundamento no clássico texto do profeta Isaías: *“Um renovo sairá do tronco de Jessé, e um rebento brotará de suas raízes. Sobre ele repousará o Espírito do Senhor. Espírito de sabedoria e de entendimento, Espírito de prudência e de coragem, Espírito de ciência e de temor ao Senhor. Sua alegria se encontrará no temor ao Senhor”* (Is 11, 1-3).

O texto masorético de Isaías enumera seis dons, pois repete ao final o dom do temor. Nas versões posteriores - da Septuaginta e da Vulgata - se falam de sete. Aparece o dom da piedade. A diferença procede da tradução da palavra hebraica **Yera't** que pode significar tanto temor como piedade.

Santo Agostinho na sua obra *"De Civitate Dei"* e Santo Ambrósio na *"De Spiritu Sancto"*, insistem no número sete, por ser ele um número que tem valor de perfeição.

Sete vezes rodeou Josué e o seu povo a cidade de Jericó (Js 6,4).

Sete vezes louva o justo durante o dia (Sl 118,164).

Setenta vezes sete deve-se perdoar o irmão (Mt 18,21).

Sete foram os homens escolhidos pelo Espírito Santo (At 6,3).

Sete eram as Igrejas da Ásia (Ap 1,4).

Sete anjos, sete estrelas, sete candelabros (Ap 1,20).

Sete trombetas (Ap 8,2).

Vejamos um por um dos dons e as graças que eles geram em nós.

Dom do temor de Deus

São Tomás elenca diferentes tipos de temor:

Temor mundano - Por exemplo: Num ambiente de trabalho a pessoa prefere esconder que é cristã para não ser prejudicada pelo chefe que é ateu. Santa Teresa dizia: *“Prefiro ser ingrátíssima para com todo o mundo, do que ofender à Deus em um só ponto”*.

Temor servil - Próprio do servo que por medo de ser castigado por seu senhor, nada faz de errado. O medo é a única razão que tem para não errar.

Temor filial imperfeito - Evita fazer o mal para não separar-se do amor de Deus. É um temor honesto, porém, não é perfeito, pois, ainda leva em conta o castigo.

Temor filial perfeito - Teme a Deus não por causa do castigo, mas porque O ama muito e por isso busca não desagradá-LO em nada.

Dizia Santa Teresa: *"Por mais que não houvesse o Céu eu te amaria. Por mais que não houvesse o inferno eu te amaria"*.

O que esse dom gera em nós:

- Reconhecimento da grandeza de Deus.
- Docilidade para afastar-se do pecado.
- Horror ao pecado e contrição por tê-lo cometido.
- Amor a Deus acima de todas as coisas.
- Fomenta em nós as virtudes de esperança, temperança, religião, humildade.
- Vigilância extrema para evitar as menores faltas. Evita cuidadosamente tudo o que possa ofender a Deus.

Vícios opostos: Soberba e presunção.

O dom da Fortaleza

Eleva as forças humanas até um plano divino, a fim de que possa praticar todas as virtudes heroicas.

O Espírito Santo concede à pessoa uma disposição para fazer e sofrer coisas extraordinárias.

- Para empreender as ações mais difíceis.
- Para se expor aos danos mais terríveis.
- Para superar os mais duros trabalhos.
- Para suportar as mais terríveis penas.

Tudo isso de uma maneira constante, heroica e com invencível confiança, vencendo todos os obstáculos que queiram nos impedir de alcançar o fim último, que é a eternidade. *"Com meu Deus eu transpasso muralhas"* (Sl 18,30). *"Com Deus faremos proezas"* (Sl 108,14).

O dom da fortaleza se estende a todas as coisas, alcança e suporta todas as dificuldades. Não diga mais: "Consigno superar o orgulho, mas não as tentações dos prazeres; consigo mudar nisso, mas nisso não". Não coloque mais limites para Deus. *"Tudo posso naquele que me fortalece"* (Fl 4,13)

O dom da fortaleza arranca todo sentimento de medo, pavor, indecisão. Submete-nos a ação direta e imediata do Espírito Santo que nos dá confiança e segurança inquebrantáveis.

Por causa desse dom, o mundo pôde contemplar ao longo desses mais de vinte séculos de cristianismo, incríveis maravilhas. Milhares de homens e mulheres, ricos e pobres, sábios e humildes, velhos e jovens, se tornando santos, exemplos, testemunhos, diante de tantos perigos, superando tentações, sendo constantes nos seus deveres de cristãos, fortes nas perseguições, corajosos nos perigos, combatentes nas guerras.

O dom da fortaleza nos faz permanecer em estado de graça. Precisando muitas vezes, para isso, sermos violentos conosco mesmos lutarmos sem esmorecer.

Disse o livro de Jó (7,1) : *"A vida do homem é um combate"*.

- Combate contra nossas paixões.
- Combate contra aquilo o que no mundo afasta-nos de Deus.
- Combate contra o demônio.
- Combate contra as enfermidades, dissabores, preocupações, etc.

Só com o auxílio divino e dotados de fortaleza, podemos vencer tão grandes tribulações e poderosos inimigos.

Com clareza escreveu Santa Teresa: *"Digo que é necessário ter uma grande e determinada determinação para não parar até chegar à perfeição. Venha o que vier, suceda o que suceder, trabalhe o que precisa ser trabalhado, murmure quem quiser murmurar"*.

- O dom da fortaleza destrói a tibieza - verdadeira tuberculose da alma.
- O dom da fortaleza torna a alma intrépida e valente diante de todo tipo de perigo e inimigos. Os Apóstolos, até então, covardes e medrosos, se apresentam na praça central de Jerusalém e sem levar em conta as ameaças de morte, pregam a verdade sobre Jesus. *"É preciso obedecer antes a Deus do que os homens"* (At 5,29). Foram açoitados e presos, mas *"saíram contentes por terem merecidos sofrer insultos por causa do nome de Jesus"* (At 5,41).
- O dom da fortaleza nos faz suportar as maiores dores com gozo e alegria, com uma paciência heroica. Dizia Santa Teresinha: *"Tenho medo de não poder sofrer, porque me é doce todo padecimento"*.
- O dom da fortaleza me faz vencer não só os grandes desafios, mas também as pequenas adversidades do dia a dia, os martírios diários.

Os frutos do Espírito que correspondem a esse dom são: a paciência para suportar com heroísmo os sofrimentos e a longanimidade para não desfalecer na prática do bem.

Os vícios contrários, nos diz São Gregório, são o medo desordenado e o comodismo.

O dom da Piedade

Esse dom nos comunica o espírito da família de Deus. Faz-nos ter um afeto filial por Deus, nosso Pai, um sentimento universal de irmandade para com todos os homens, filhos do mesmo Pai, e um cuidado especial por tudo àquilo que se relaciona a Deus. Daí emerge um desejo de cuidar das coisas do Senhor, do planeta, da humanidade; das coisas sagradas. Passamos a ver o mundo com outros olhos, assim como São Francisco. Tudo no mundo se torna irmão, irmã: "Irmã terra, irmão fogo, irmã água, irmão lobo".

O dom da piedade nos faz ver Deus não só na Sua glória, grandeza e majestade, mas vê-LO como um amoroso Pai. *"Não recebemos um espírito de escravidão, mas recebemos um espírito de filiação que nos leva exclamar: Abba! Pai!"* (Rm 8,15-16).

Dizia Santa Teresinha: *"É tão doce chamar a Deus de Pai nosso"*.

Os frutos relacionados ao dom da piedade são a bondade, a benignidade, a mansidão e o vício contrário: a impiedade.

O dom do Conselho

É um hábito sobrenatural pela qual a pessoa sob a inspiração do Espírito Santo intui retamente o que deve ser feito para o seu bem e a sua salvação.

Esse dom não necessita do trabalho demorado e reflexivo da razão. Ele nos faz intuir de forma ágil o que deve ser feito, mediante razões puramente divinas, muitas vezes ignoradas por nós.

Disse Jesus: *"Não fiquéis preocupados quando vos entregarem aos tribunais com o que ireis falar, porque nessa ora será sugerido a vocês o que devem dizer. Com efeito, não serão vocês que irão falar, e sim o Espírito do vosso Pai é quem falará através de vós"* (Mt 10,19-20).

Há inúmeros exemplos das Sagradas Escrituras que transparece a intervenção do dom do conselho: A conduta de Daniel para salvar Suzana; de Judite para libertar o seu povo de Holofernes; a resposta de Jesus que salva a mulher adúltera; se deve pagar ou não tributo a César, etc.

Seu efeito em nós:

- Nos preserva do perigo de uma falsa consciência.
- Resolve com segurança e exatidão inúmeras situações difíceis e imprevisíveis.
- Inspira-nos palavras e meios para guiar os demais: Para aos filhos; superiores à comunidade; diretor espiritual aos seus dirigidos. Um bom exemplo disso nos é dado por santa Teresa:

“Quando o Senhor me mandava alguma coisa em oração e meu confessor me pedia outra. O próprio Jesus me pedia para que eu lhe obedecesse”.

Vícios opostos : Autossuficiência e imprudência.

O dom de Ciência

São Tomás o agrega à virtude teológica da fé.

Por esse dom, a inteligência humana, sob ação iluminadora do Espírito Santo, julga retamente todas as coisas criadas em ordem ao seu fim último.

Não se trata da ciência humana ou filosófica que conhece as coisas por meio de um raciocínio natural. Nem tampouco de uma ciência teológica que conhece a Deus por meio de suas verdades reveladas. Mas sim, um conhecimento sobrenatural que procede de uma ilustração do Espírito Santo que nos faz julgar corretamente as coisas.

O invisível de Deus, Seu eterno poder, Sua divindade são conhecidos mediante as criaturas (cf. Rm 1,20). Por meio do dom da ciência, relacionamos o que conhecemos e julgamos à luz das verdades divinas com o mundo natural e sensível.

Seu efeito em nós:

- Ensina a julgar corretamente as coisas criadas e sua relação com Deus. *“As coisas do Universo revelam a presença de Deus mesmo que Ele se encontre invisível”* (São João da Cruz).

- Nos guia com absoluta certeza nas coisas que devemos crer. Sem haver tido nenhum estudo teológico, nem tampouco ter conhecido profundamente a doutrina, a alma sabe se tal ensinamento está de acordo com a fé ou em oposição a ela.

- Conhece em profundidade e prontidão o estado da alma: Seus segredos, suas motivações, suas intenções e suas malícias. Por exemplo: Um diretor conhece o estado da alma daqueles que dirige, suas necessidades espirituais, o remédio contra seus males, os obstáculos que se opõe à sua perfeição, quando precisa consolá-lo ou mortificá-lo. Consegue ver instantaneamente se tais ações são inspiradas por Deus e conforme seus desígnios.

Outro bom exemplo nos é dado pelo grande pregador, São Vicente Ferrer: um dia devia pregar para um príncipe e preparou seu sermão enchendo-o de citações, retos princípios doutrinários, etc. O fez aplicadamente, mas nem o príncipe, nem os outros ouvintes ficaram satisfeitos com seu sermão “tão bem preparado”. No outro dia voltou a pregar e todos focaram maravilhados. Alguém lhe disse: *“O sermão de hoje foi melhor que o de ontem”*. Ele respondeu: *“É que ontem pregou frei Vicente e hoje o Espírito Santo”*.

Vício oposto: A presunção.

O dom do Entendimento

Por meio desse dom podemos penetrar de forma profunda nas verdades da fé, de maneira simples e direta, sem precisarmos emitir juízos sobre elas e descrevê-las exaustivamente. Crer para conhecer e não conhecer para crer. É a contemplação infusa da qual falam os místicos.

O dom do entendimento nos leva a ter uma fé pura, fundada unicamente na autoridade de Deus que nos revela. Não necessita de um longo e fundamentado discurso para aceitá-la.

Conforme nos diz São João da Cruz: "*Pelo dom do entendimento as verdades são reveladas com clareza, sem conhecer seus pormenores e mistérios. Isso basta para alimentar uma fé inquebrantável*".

Dizia São Tomás que primeiro o dom do entendimento nos leva a penetrar no mais profundo das verdades reveladas e só depois é que se transforma em discurso teológico.

- O dom do entendimento nos faz ver a verdade das coisas ocultas além das aparências.
- O dom do entendimento nos faz penetrar nos mistérios ocultos das Sagradas Escrituras, assim com Jesus fez com os discípulos de Emaús: "*... abriu-lhes a inteligência para que entendessem as Escrituras*" (Lc 24,45).
- O dom do entendimento nos faz descobrir as verdades espirituais por detrás das coisas materiais.
- O dom do entendimento produz o gozo da alma.

Vício oposto: A incredulidade.

O dom da Sabedoria

Os demais dons percebem, julgam e atuam sobre as coisas relacionadas a Deus. O dom da sabedoria, diferentemente, está relacionado a Deus mesmo. Este dom nos dá um conhecimento saboroso e experimental do próprio Deus. "*Provai e vede quão suave é o Senhor*" (Sl 33,9).

- O dom da sabedoria prova o que a fé crê. É "*saber com sabor*", como nos diz São Tomás.
- O dom da sabedoria nos dá o sentido divino da eternidade pela qual julgamos todas as coisas.

Por ele somos possuídos por um instinto divino, pelos quais todas as coisas são vistas a partir de Deus. Desde os pequenos episódios da vida diária aos grandes acontecimentos mundiais.

Em tudo se vê a mão de Deus, que tudo permite e para tudo tem um fim.

Nunca se fixa nas causas segundas, mas vai direto as causas primeiras.

Vício oposto: A dureza de coração.

Capítulo 6

Os Atos Meritórios

Para nossa reflexão ser completa, nos compete dizer ainda que todo ato de bondade revestido de intenção sobrenatural, contribui para os que o praticam, ocasião de mérito. Esse é um conceito que infelizmente caiu em desuso na teologia atual, mas se bem entendido, torna-se um bem espiritual de inestimável valor.

De maneira geral, mérito é uma espécie de recompensa dada a quem merecidamente fez por onde conquistá-lo.

Na vida espiritual, porém, não se trata de uma economia de troca de favores: “Eu faço isso porque você me fez isso”. Isso porque, Deus não pode ser obrigado a nos dar algo pelo simples fato de termos feito algo que agradasse. Apesar de ser esta uma mentalidade bastante corrente por aí. Os méritos sobrenaturais a que temos direito mediante uma boa obra que fazemos só nos é possível baseados na promessa que o próprio Deus nos fez na Sua total liberdade e misericórdia. Não existe aqui, portanto, nenhum elemento de coesão ou obrigatoriedade. *“Vinde benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me”* (Mt 25,34-36).

A Parábola dos Talentos (ver Mt 25,14-30) nos mostra que foi tirado tudo daquele que enterrou seus talentos, enquanto foi dado ainda mais àquele que os multiplicou. A Santa Mãe Igreja, baseada nos ensinamentos de Jesus, ensina-nos que as boas obras do homem justificado, merecerão um verdadeiro aumento de graça, sendo a vida eterna junto a Deus, a maior delas (Concílio de Trento, sessão VI, cânon 32).

Porém, nem toda boa obra é meritória. Explico-me: Uma boa ação pode ser movida simplesmente por motivações humanas, como por exemplo, pelo senso de honestidade do indivíduo que a pratica, ou por educação, ou ainda, por seguir normas e padrões sociais e culturais do grupo ao qual se pertence.

Para uma boa obra ser digna de méritos espirituais ela precisa ser feita livremente. Não posso fazer um bem buscando interesse pessoal ou sob nenhum tipo de obrigatoriedade, como na Parábola do Bom Samaritano, cuja ajuda prestada ao homem que jazia quase morto à beira do caminho foi feita sem esperar que sanado, lhe recompensasse. O samaritano aqui faz o bem na sua total liberdade, sem esperar nada em troca ou sob pressões morais.

A boa obra precisa ser revestida por um sentido sobrenatural: Posso comer para suprir as

necessidades do meu organismo ou posso comer para que, refazendo as minhas forças, possa servir melhor a Deus e aos mais necessitados. Como o mérito é espiritual, se praticado em estado de graça, aumentará ainda mais nosso “capital” de graça.

Por ser Jesus a causa meritória principal e absoluta de todos, *“Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância”* (Jo 10,10), quanto mais aumentarmos nossa intimidade com Ele, mais graças receberemos.

Em síntese, o ato é meritório quando é livre, sobrenatural, feito em estado de graça e em estreita união com Jesus, doador de todas as graças.

“Amado Jesus, como consola a minha alma poder dispor de tal maravilhoso recurso espiritual. Peço-Te a graça de fazer com que todos os meus atos tenham como única motivação o meu amor por Ti e o bem do próximo.

Obrigado, amado Jesus, por esse extraordinário ‘atalho’ para chegar à santidade. Amém”.

Capítulo 7

As Graças Sacramentais

Além dos atos meritórios, uma outra fonte de graça que nos faz avançar no caminho de perfeição são os sacramentos. Os sacramentos em si, já são graças colocadas à nossa disposição a todo momento, circunstâncias, etapas e estados de nossas vidas. Quanto mais deles participamos, como a confissão e a Sagrada Eucaristia, mais nos santificamos.

Conforme ensina a nossa sã e reta doutrina católica, os sacramentos significam e produzem a graça em nós *“ex opere operato”*, ou seja, eles contêm a graça em si mesmo independente das disposições de quem recebe.

Pelo batismo recebemos **a graça da morte para o pecado**, e do nascimento para a graça da vida nova: *“Ignorais que todos os que foram batizados em Jesus Cristo, fomos batizados em sua morte? Fomos, pois, sepultados com Ele na sua morte pelo batismo para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova”* (Rm 6,3-4); **a graça da filiação divina**: *“Porque todos sois filhos de Deus pela fé...”* (Gl 3,26); **da regeneração**, que nos faz participantes da vida de Jesus, *“Todos vós que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo”* (Gl 3,27); de sermos **membros do Corpo Místico de Cristo**, a Igreja. *“Em um só Espírito fomos batizados todos nós, para formar um só corpo...”* (1Cor 12,13)

Pela Confirmação é acrescentada à graça batismal, uma porção redobrada do Espírito

Santo que é a graça especial da força. *"Recebereis um Espírito de poder"* (At 1,8), que fortifica a nossa vontade, torna a nossa fé mais viva e penetrante, nos torna conscientes dos dons do Espírito e deles dispormos. *Nos faz "Milites Christus"*, Soldados de Cristo.

Pela Santa Eucaristia nutrimo-nos do alimento da eternidade, *"trabalhai não pela comida que perece, mas pela que dura até a vida eterna, que o Filho do Homem vos dará"* (Jo 6,27), *"Quem comer deste pão viverá eternamente"* (Jo 6,51) e nos transformamos num outro Cristo: *"Quem come a minha carne e bebe o meu Sangue permanece em mim e eu nele"* (Jo 6,56).

Pela confissão somos perdoados de nossos pecados (cf. Mt 16,19) e devolvidos ao estado de graça.

Pela Ordem recebemos a graça de sermos dispensadores das coisas divinas: *"Todo pontífice é escolhido entre os homens e constituído a favor dos homens como mediador nas coisas que dizem respeito a Deus para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados"* (Heb 5,1); pregadores da doutrina evangélica: *"Sabe compadecer-se dos que estão na ignorância e no erro"* (Heb 5,2) a fim de que possa oferecer dignamente os santos Mistérios e Santificar as almas que lhe são confiadas. Pelo Sacramento da Ordem, o Sacerdote tem como uma obrigação a perfeição (Jo 17,17), pois tudo o que ele realiza é *"In nomine Christus"* (2Cor 5,20).

Pelos sagrados laços do matrimônio, os cônjuges recebem a graça de terem o seu amor humano divinizado, portanto, involuados da bênção de Deus, que é eterna e indivisível - *"Ninguém separe o que Deus uniu"* (Mt 19,6); de continuar o milagre da perpetuação da vida, dom exclusivo de Deus que foi partilhado com os homens: *"Deus os abençoou dizendo frutificai e multiplicai-vos enchei a terra..."* (Gn 1,28a); de fazer chegar aos filhos a obra da salvação iniciada em Jesus Cristo e para a feliz união do próprio casal: *"Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher; e os dois formarão uma só carne"* (Mt 19,5), *"Deus vos chamou a viver em paz"* (1Cor 7,15).

Pelo Sacramento da Unção dos Enfermos somos agraciados pelo alívio e conforto espiritual, perdão dos pecados, saúde do corpo e da alma: *"Se alguém está enfermo, chame os sacerdotes da Igreja, e estes façam oração sobre o doente, ungiendo-o com óleo em nome do Senhor. A oração com fé salvará o enfermo e o Senhor o restabelecerá. Se ele cometeu pecado, ser-lhe-ão perdoados"* (Tg 5, 13-14).

Para que as graças recebidas por meio dos sacramentos se tornem ainda mais abundantes e os seus efeitos mais eficazes, precisamos pedir ao Bom Deus um ardente desejo de recebê-los, precedidos de uma reta intenção de nos deixarmos moldar por aquilo que em nós eles realizam e com um grande e perene fervor.

O fato dos sacramentos já serem em si portadores de graça, não é motivo para nos resignarmos e acomodarmos. Pelo contrário, à medida que nos esforçamos por sermos melhores, movimentamos tais graças sacramentais e as fazemos crescer em nós. Como podemos fazer isso? Vejamos:

1- **Pela preparação:** É bom que nos preparemos antes de receber os sacramentos, nos colocando em oração e suplicando a Jesus que faça abundar em nós as graças que os sacramentos produzem. Vale aqui lembrar, como exemplo, os diversos atos (de fé, de caridade, de esperança, etc.) que a Igreja nos propõe para serem rezados antes e depois da comunhão do Corpo do Senhor, e de algumas orações preparatórias tão ricas compostas pelos santos, dentre eles São Tomás e Santo Ambrósio.

Faça isso e você verá as graças fluírem mais abundantemente em sua vida.

2- **Pelo ardente desejo de recebê-los:** *"Assim como a corça suspira pelas águas vivas, assim minha alma suspira por vós, ó meu Deus"* (Sl 41,2). Corramos sempre desejosos à fonte das águas vivas: os sacramentos. Tenhamos necessidade da comunhão diária do Corpo e Sangue do Senhor, da absolvição dos nossos pecados. Levemos também outros a experimentem a graça de se tornarem filhos de Deus pelo Batismo, soldados do Altíssimo pela Crisma, aliviados de suas penas pela Unção dos Enfermos, etc.

3- **Pelo fervor constante:** Onde superamos todas as dificuldades e empecilhos que queiram nos impedir de termos acesso aos sacramentos. Que nos tornem incansáveis, robustecidos e assíduos participantes dos bens colocados por Deus à nossa disposição para nos santificar.

4- **Por uma sincera humildade:** *"Senhor eu não sou digno..."* (Mt 8,8). É assim que devemos sempre nos colocar antes de recebermos a graça sacramental, profundamente reconhecidos, que nada somos e que em tudo dependemos de Jesus. Em seus colóquios com o Senhor, um dia perguntou Santa Catarina de Sena: *"Quem sou eu? E diga-me a seguir, quem és tu? Filha minha, Eu sou Aquele que É; tu aquela que não é"*. A virtude da humildade tira do nosso coração todo orgulho, prepotência e autossuficiência, permitindo assim que Jesus possa nele encontrar morada e aí permanecer.

5- **Por uma profunda ação de graça:** Pela qual bendizemos o Senhor por todas as maravilhas que Ele tem feito em nós e profundamente reconhecidos, cantamos no silêncio de nossas almas, Seus louvores, Seus feitos e prodígios; Seu amor derramado copiosamente sobre nós; Sua entrega total; Sua bondade e misericórdia que são eternas. É a alma que se abre num colóquio divino não só para falar, mas também para escutar o seu Amado e receber d'Ele Suas disposições interiores e atrair Suas graças. Podemos ainda aproveitar desse momento para fazer nossos propósitos ou mesmo refazer aqueles que foram negligenciados e para apresentar as necessidades da Igreja, da humanidade, daqueles que nos são caros.

Capítulo 8

A Oração

No decorrer da história da salvação, Deus sempre se revelou como um Deus que ouve a oração do Seu povo: *"Os israelitas, clamaram e do fundo de sua escravidão, subiu o seu clamor até Deus. Deus ouviu os seus gemidos e lembrou-se de sua aliança"* (Ex 2,23-24); dos Seus escolhidos: *"Estas duas orações (Tobias e Sara) foram ouvidas ao mesmo tempo, diante da glória do Deus Altíssimo"* (Tob 3,24); dos justos: *"... O Senhor atende a oração dos justos"* (Pv 15,29); dos pobres: *"A oração do pobre eleva-se de sua boca até os ouvidos de Deus."* (Eclo 21,6).

A oração torna-se dessa forma um meio para conversar com Deus, onde a alma se eleva e dirige a Ele suas intenções mais profundas e afetuosas, assim como, os pedidos que Lhe são mais necessários.

Pela oração manifestamos ao bom Deus o desejo que temos de nos tornarmos melhores, de conformar a nossa vontade à Sua e de humildemente pedir que tenha piedade das nossas fraquezas e que venham em nosso socorro. Tudo isso tem como fim principal a glória de Deus. Todas as graças pedidas, reconhecimento prestado e desejo de perfeição, repito, visa unicamente à glorificação de Deus. Desejo ser melhor para glória de Deus, necessito das Suas graças para glorificá-IO na minha vida com sinais, arrependo-me de ter-Lhe ofendido e submeto-me a Sua gloriosa majestade, tributo-Lhe louvores porque só Ele é digno de toda glória.

Ao nos colocarmos em oração, o primeiro sentimento que nossa alma deve invocar é o da **adoração**, que é o mais profundo reconhecimento da grandeza onipotente de Deus, da minha pequenez e total dependência. *"Adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás."* (Dt 6,13). Eis, o primeiro dever da criatura: adorar o Criador.

Toda a obra da criação é convidada a adorá-IO: *"Aclamai a Deus, ó terra inteira, cantai a glória de seu nome, rendei-lhe glorioso louvor. Dizei a Ele: Vossas obras são estupendas! Diante de vós se prosterne toda terra..."* (Sl 65,1-3), e muito mais o homem feito à sua imagem e semelhança (Gn 1,27), dotado das faculdades dadas pela majestade infinita de Deus para o seu próprio louvor - a razão, a inteligência, a percepção e os demais sentidos; a boca, o ouvido, a visão, etc, assim como a arte, o belo, etc. *"Vinde inclinemo-nos em adoração de joelhos diante do Senhor que nos criou (Sl 94,6). " Adorai o Senhor, com ornamentos sagrados"* (Sl 95,9).

Adorar o Senhor pela obra da criação é a primeira via pela qual o homem proclama a existência de Deus. Nos diz São Tomás : *" Por isso que no decorrer da história muitos foram os místicos que se retiraram, para que recolhidos, pudessem melhor contemplar a beleza e a majestade de Deus nas criaturas"*.

"Adoro-vos, Onipotência Divina! Todas as Vossas criaturas são reflexos do vosso amor; toda perfeição encontrou modelo em Vós. Oh! Beleza sem igual! Só o insensato não vê a natureza sussurrando Vosso nome, os pássaros cantando Vossas maravilhas e os céus proclamando Vossos louvores. Adoro-Vos na maior e na menor das criaturas; na mais alta montanha e no menor dos grãos de areia; na infinidade do espaço e na mais pequenina estrela; na finitude dos seres vivos contemplo Senhor os traços de Vossa eternidade, que um dia haverei de adorar face a face".

Da adoração decorre o segundo sentimento da alma: **o reconhecimento**. A Majestade Infinita de Deus não somente é digna da nossa adoração, como também, do nosso reconhecimento, pois Deus é Senhor e Criador de todas as coisas e doador de todos os bens. *"Como é preciosa a vossa bondade ó Deus!"* (Sl 35,8).

O mesmo Deus *"que fez o céu e a terra, faz justiça aos oprimidos, dá pão aos que têm fome, livra os cativos, abre os olhos aos cegos, ergue os abatidos, ama os justos, protege os peregrinos, ampara o órfão e a viúva"* (Sl 145,6-9). Por isso, devemos render-Lhe graças a todo o momento, (Ef 5,20) como o próprio Jesus fazia (Jo 11,41).

A Igreja, fiel aos ensinamentos de Jesus, continua a fazê-la em toda Santa Eucaristia, que é a ação de graças mais perfeita, pois oferecemos o próprio Jesus - a maior graça - ao Pai. Na oração dos prefácios eucarísticos nos juntamos a toda Igreja Universal para agradecermos ao Senhor por Sua bondade para conosco. *"Na verdade, ó Pai, é nosso dever dar-vos graças, é nossa Salvação dar-vos glória; só vós sois o Deus vivo e verdadeiro que existis antes de todo tempo e permanecis para sempre habitando em luz inacessível, mas porque sois o Deus de bondade e a fonte da vida, fizestes todas as coisas para cobrir de bênçãos as vossas criaturas e a muitos alegrar com a vossa luz"* (Oração Eucarística IV).

Do reconhecimento brota na alma o desejo de **reparar e expiar** nossos pecados, os pecados da Igreja e da humanidade. O pecado, por menor que seja, é sempre uma ofensa à infinita bondade de Deus que tudo faz por nós. Tal ingratidão dói mais ainda ao Coração de Deus quando é feita por aqueles que já experimentaram o Seu amor e sabe o quanto Deus os ama: *"Se o ultraje viesse do inimigo eu o teria suportado; se a agressão partisse de quem me odeia dele me esconderia. Mas eras tu, meu companheiro, meu íntimo amigo, com quem me entretinha em doces colóquios"* (Sl 54,13-15).

Para reparar os pecados, precisamos recorrer ao Sacramento da Confissão, pesarosos por termos ofendido ao Sumo e Bondoso Deus e profundamente contritos, manifestar-Lhe o desejo de não mais voltar a ofendê-LO. Desse modo, nos abriremos corajosamente para as provações que a Providência de Deus nos envia, oferecendo nossos sofrimentos em reparação pelas faltas cometidas e nos juntando aos Seus sofrimentos como vítimas de expiação.

A oração também é **petição**. São Tomás nos diz que Deus por sua própria liberalidade nos dá muitas graças sem nem mesmo pedirmos, mas que há outras que Ele concederá somente mediante a oração e que se assim o faz, é para que depositemos n'Ele toda nossa confiança e O reconheçamos como Autor de todas elas.

Disse Jesus: *"Pedi e vos será dado, buscai e encontrareis. Batei e vos será aberta. Pois todo aquele que pede recebe, que busca encontra e que bate se lhe abrirá"* (Lc 11,9-10). Disse também que tudo o que pedíssemos com fé na oração, nós alcançaríamos (cf Mt 21,22). Ela, porém, precisa ser humilde (cf. Lc 18,13) e perseverante (cf. Rm 12,12).

Podemos expressar nossa oração a Deus interiormente ou externamente.

A primeira foi chamada pelos mestres da Vida Espiritual de **Oração Mental**. É feita em espírito de recolhimento, humildade e silêncio, fruto do convite que nos foi feito por Jesus para que orássemos sem cessar. "*É necessário orar sempre sem jamais deixar de fazê-lo*" (cf. Lc 18,1) e como disse São Paulo, em todas as circunstâncias (cf. Ef 6,18). Dessa forma, todos os atos interiores de recolhimento, silêncio, contemplação, olhar afetoso, intenções do coração, jaculatórias, podem se transformar numa oração mental.

Das experiências interiores da alma surge a disposição para a oração vocal, que se manifesta pelo uso das palavras, dos sons e dos gestos corporais. "*Aclamai o Senhor povos todos da terra, regozijai-vos, alegrai-vos e cantai. Salmodiai ao Senhor com a cítara, ao som do saltério e com a lira. Com a tuba e a trombeta elevai aclamações na presença do Senhor*" (Sl 97,4-6). Manifestamo-nos assim, a fim de tributar louvores ao Senhor não só com nossa alma, mas também com nosso corpo (cf. 1Cor 6,20) e para edificação dos nossos irmãos que ao ver-nos orando com tamanho fervor e devoção, também se juntem aos nossos louvores.

A oração vocal pode ser feita ora em conjunto com os outros membros da Igreja (Mt 18,20), ora em particular (Mt 6,6).

Não poderíamos deixar de mencionar aqui, aquela oração que foi ensinada pelo próprio Jesus. Nela, estão contidas todas as moções com as quais devemos rezar a Deus.

Pai Nosso que estais nos céus: Ao começarmos a oração elevando nossa alma e nossos sentidos a Deus, aproximando-nos d'Ele, desejamos amá-LO acima de tudo. Pronunciando a palavra "Pai", nos sentimos como filhos que depositam sua plena confiança no Pai. Pai do Verbo e Pai de toda humanidade. Não só Pai meu, pois Deus não é propriedade particular de ninguém, mas Pai-Nosso. Ele nos envolve e nos abraça com o mesmo amor com que abraça Seu Filho.

Santificado seja o Vosso Nome: Isso demonstra o fim principal da oração que é proclamar a santidade de Deus: "*Santo, Santo, Santo é o Senhor do Universo*" (Is 6,3) e o poder glorioso do Seu Nome (Dt 28,58).

Venha a nós o Vosso Reino: Reino esse que Jesus veio inaugurar e que foi objeto de toda a Sua pregação. "*Fazei penitência, pois o Reino dos céus está próximo*" (Mt 4,17). O qual Ele nos convidou a buscá-lo acima de tudo: "*Buscai primeiro o Reino de Deus*" (Mt 6,33). Reino onde todos somos irmãos.

Seja feita a Vossa Vontade assim na terra como no céu: Oramos, sobretudo, para fazermos a Vontade do Pai assim como fez Jesus. As graças pedidas no céu chegam pela oração à Terra.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje: Como Seu Filho nos ensinou, por meio de obras e de palavras, Deus é providente e dá o pão para o corpo, mas também pão para alma.

Perdoai as nossas ofensas: O Pai é misericordioso e está sempre pronto a perdoar Seus filhos pródigos.

Assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido: Sua misericórdia para conosco nos exige que também nós sejamos misericordiosos para com os outros.

E não nos deixei cair em tentação: Pedimos a graça de vermos antecipadamente os obstáculos que se colocam à nossa frente, sobretudo, os que são menos perceptíveis e que nos fazem cair com mais frequência.

Mas livrai-nos do mal: Dos males do pecado, assim como do autor de todo mal, a astuta serpente: Satanás.

Amém: Como disse Santa Teresa de Ávila - "*Dizendo este amém, remate e fecho de tudo, pede o Senhor, segundo me parece, que sejamos livres de todo mal para sempre*".

A Direção Espiritual

Quando São Paulo começou a sua conversão, a primeira coisa que o Senhor deu a ele foi um guia espiritual que lhe recuperou não só a visão física como também a espiritual: "*Ananias foi. Entrou na casa e impondo-lhe as mãos disse: Saulo meu irmão, o Senhor, esse Jesus que te apareceu no caminho enviou-me para que recobres a vista e fiques cheio do Espírito Santo*" (At 9,17). Em vez do senhor dizer pessoalmente Seus desígnios, Ele o faz por meio de Ananias. Temos aí uma das primeiras razões pela qual devemos ter um diretor espiritual.

São João Clímaco, assim recomendava aos que buscavam a santidade: "*Os que querem sair do Egito e domar as paixões desordenadas procure um Moisés que lhe sirva de guia; é preciso confiar com humildade o cuidado da consciência a um homem que seja o representante do Divino Mestre, e escolhê-lo bem, porque será preciso obedecer-lhe com simplicidade, a despeito dos pequenos defeitos que nele porventura se notassem já que o único perigo de temer é seguir o seu próprio juízo*" (A escada que conduz ao céu).

São Bernardo exortava seus noviços para que tivessem um pai que os alimentasse de instruções; que os guiasse, consolasse e alentasse. (Sermão Diversos VIII)

O Cônego regular Ogien dizia que aquele que se constitui seu próprio mestre ou diretor se faz discípulo de um louco. (Epístola 87,7)

São Vicente Ferrer na sua grande obra sobre a vida espiritual (De Vita Spirituali), que, diga-se de passagem, São Vicente de Paulo tinha sempre à sua cabeceira, nos diz que "*aquele que tem um diretor, a quem obedece sem restrição e em todas as coisas, chegará muito mais facilmente e mais depressa do que poderia fazer sozinho, ainda que tivesse uma inteligência vivíssima e livros eruditíssimos em matéria espiritual*".

A vida de perfeição é como o Monte Everest. Aventurar-se a escalá-lo sem um guia experimentado seria lastimável. Só nossa boa vontade não basta para progredirmos na vida

espiritual, pois facilmente no perderíamos. Prova disso, é que muitas vezes nos acostumamos a consolações humanas e quando chega a aridez espiritual, quase sempre desistimos do ideal de santidade. Se tivermos um diretor, ele nos fará caminhar “sem muletas” e quando chegar o tempo do deserto em nossa alma, nos alentará, fortalecerá e atravessá-lo-á conosco, ajudando-nos a perceber qual é o melhor e mais oportuno tempo para purificar-nos e confirmar-nos nas santas virtudes.

O diretor também o ajudará a discernir se suas aspirações são frutos da vontade humana, de uma dissimulada ação maligna ou de moções sugeridas pelo Espírito Santo. Sem os conselhos de um guia, é quase que impossível um claro discernimento.

Nesses poucos anos de acompanhamento espiritual, sempre tive reservas para com aqueles que se consideram os iluminados por acharem que Deus lhes fala pessoalmente e por isso, nunca procuram o discernimento da Igreja. Gostaria de lembrar que isso nada mais é que heresia protestante. O resultado disso é a famosa Torre de Babel, onde cada um defende “verdades”, baseados nos seus próprios critérios e desprovidos de qualquer autoridade espiritual. Tenhamos cuidado com esses tais profetas dos sonhos: “Deus me falou num sonho; Deus me revelou isso”. Sem direção espiritual não vão muito longe.

O grande místico carmelita, São João da Cruz, sempre insistia na necessidade de se ter um diretor: *"Deus, gosta tanto que o homem se submeta à direção de outro homem que não quer de maneira nenhuma ver-nos dar pleno crédito às verdades sobrenaturais que ele próprio comunica antes de elas terem passado pelo canal de uma boca humana"*.

Muitas vezes confundimos direção espiritual com confissão, entretanto, são realidades bem diferentes uma da outra. A matéria da confissão é a acusação das faltas, o arrependimento, a penitência, o propósito, etc., enquanto que a matéria da direção são as causas dos nossos pecados, nossas más inclinações, hábitos contraídos, imprudência; caráter do dirigido, sua personalidade e história de vida, seus progressos, conquistas, etc.

O diretor é aquele que procura ir à raiz dos males, para assim receitar, com a ajuda do seu dirigido, o bálsamo curativo.

São Francisco de Sales recomenda que aquele que dirige as almas no caminho da perfeição possua três qualidades: a caridade, a ciência e a prudência.

Pela caridade os dirigidos se tornam seus filhos espirituais. A eles, dedica seu tempo, seus esforços, solicitude, visando, sobretudo, que eles progressivamente avancem na vida interior. Deve evitar, porém, apegos particulares, não podendo esquecer que os corações que direcionam já pertencem a Jesus.

A esta paternidade espiritual deverá somar-se o espírito de firmeza e franqueza. Jamais o diretor deverá tronar-se para seu dirigido um sancionador de sue caprichos. Deve sempre que necessário, admoestá-lo para que combata seus defeitos e continue avançando.

Pela ciência levará as almas que lhes são confiadas a caminharem de acordo com a sã doutrina teológica e recomendando-lhe bons autores espirituais.

Todas as decisões tomadas na direção, assim como, todos os conselhos dados devem ser feitos num clima de oração para assegurar, com toda a **prudência**, que fora realizada sob a inspiração do Santo Espírito.

O diretor deve evitar que a direção se transforme num bate-papo entre amigos, permeado de conversas inúteis, perguntas indiscretas, etc. A direção precisa ir ao encontro do essencial. Dessa forma, o dirigido saberá que seu diretor age sempre na Pessoa de Cristo.

É caro que o diretor também está sujeito a erros e defeitos. Isso, porém, não subtrai sua autoridade e missão. Procure sempre que o discípulo respeite seu mestre, numa afeição simples e filial, em poucas palavras, segundo São Francisco de Sales: "*Toda santa, toda sagrada, toda divina, toda espiritual*" (Vida Devota).

Pede-se ainda que o dirigido seja dócil na escuta dos conselhos e na sua execução. Que não mude de diretor por achar que um outro seja melhor ou por querer escutar uma opinião diversa do seu. Triste resultado obtém quem entrega sua alma para muitos.

Rezo para que você, tomando consciência do quanto é vital a presença de um diretor espiritual para forjar um santo, busque sem demoras, um para dirigir tua alma.

Todos os santos, por mais conhecimento que tiveram da vontade de Deus, julgaram necessária a ajuda de um diretor espiritual. Se os santos assim procederam, se os mais eminentes Padres da Igreja afirmaram a sua necessidade, teremos nós a insensatez de lhe ignorar a importância?

"Escolhei - diz São Basílio - um conselheiro que vos oriente em todos os vossos caminhos".

"Por mais sábios que sejais - ensina São João Crisóstomo - necessitais de um conselheiro, de um diretor: só Deus não precisa de conselhos".

"Aquele que a si mesmo se toma por guia - diz São Bernardo - faz-se discípulo dum insensato".

Esta abertura da alma é particularmente necessária:

A respeito dos defeitos que temos que corrigir, pedindo a humildade necessária para descobri-los, a docilidade em seguir os conselhos que nos são dados e que incomparavelmente são mais úteis do que toda a nossa habilidade pessoal.

Por fim, para adquirir as virtudes. Só os conselhos dos representantes de Deus pode nos conduzir com segurança a um estado de perfeição.

As Leituras Espirituais

Um alimento indispensável para a nossa santidade é a leitura espiritual bem feita e quotidiana. "*Se fiel às tuas leituras*", escreve São Paulo a Timóteo (1Tim 4,13).

Em número de grau e perfeição, a palavra de Deus ocupa o primeiro lugar. Pois "*toda a Escritura é inspirada por Deus, e útil para ensinar, para repreender, para corrigir e para formar na justiça*" (2Tim 3,16). Os que querem frequentar a escola da perfeição precisam estudar o Livro do Mestre. Nele as almas encontram suas delícias.

Nos **santos Evangelhos** nós vamos encontrar as palavras e os exemplos do nosso grande modelo de santidade: Nosso Senhor Jesus Cristo.

Folheando, página por página vamos gravar em nossas mentes e em nossos corações, as lições que o Divino Mestre ensinou:

Lições de humildade: Seu nascimento (Lc 1,7);

De urgência pelo Reino: Percorrendo incansavelmente lugares, vilas e cidades (Mc 1,37-39);

De autoridade: A tempestade acalmada (Mt 8,27);

De compaixão: (Mt 9,35-38);

De doçura: Deixar vir a mim as crianças (Mc 10,14-16);

De coragem: (Mc 11,15-18);

De entrega: "*Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito*" (Lc 23,46);

De recolhimento: (Lc 5,16);

De renúncia: (Jo 6,15).

Nos Atos e Epístolas, vamos acompanhar a epopeia da Igreja nascente e nos maravilhar e comover ao ver os discípulos vivendo nas mais diferentes situações, a fidelidade aos ensinamentos deixados por Nosso Senhor:

A vinda do Espírito santo: (At 2,1-14);

O anúncio audacioso do Evangelho (At 2,14-36);

A perseverança dos Apóstolos na oração (At 2,42);

A ousadia e coragem dos Apóstolos: (At 4,13);

Os sofrimentos : (At 5,26-36);

A morte de Estevão: (At 7,54-60);

A perseguição da comunidade: (At 8,1);

A conversão de Paulo: (At 9,1-9);

As primeiras virgens missionárias (At 13,1s).

O testemunho dos santos Mártires

Ao lê-lo, nos damos conta das inúmeras vezes que reclamamos desnecessariamente. Seus testemunhos nos deixam envergonhados. Quantas vezes reclamamos de pequenas importunações, incompreensões, fadigas, dores, enquanto estes homens e mulheres, tudo sofreram por amor a Jesus e à Sua Igreja.

Santo Estevão, primeiro mártir da era apostólica, no momento em que estava sendo apedrejado, pedia para que o Senhor não levasse em conta tal ato de maldade praticado pelos seus algozes.

Santo Inácio de Antioquia, depois de ter seus ombros dilacerados com chicote de pontas de chumbo, caminhado descalço sobre brasas ardentes e ter suas costas rasgadas com garfos de ferro, foi triturado pelos dentes das feras. Dele é a célebre frase dita antes de morrer: *"Como sou trigo de Cristo, serei moído pelos dentes das feras para me tornar um pão puro"*.

São Lourenço, diácono, após ter sido despido e ferido com varas e lâminas ardentes colocadas em suas costas, de ter sido torturado com chumbo e ferido por escorpiões, foi assado vivo numa grelha. Mesmo em meio aos suplícios, ele dizia com o rosto sorridente: *"Você assou uma parte de mim, agora vire a outra..."*.

Santa Ágata que teve os seus seios arrancados lentamente pelos seus carrascos a mando do Cônsul Quintiano. No momento em que se submetia a tão grande e humilhante tortura, Ágata lhe disse: *"Ímpio, cruel e horrendo tirano, você não tem vergonha de mutilar numa mulher o que sugou na sua mãe?"*.

Santa Cecília, depois de ter sido colocada num tambor de água fervendo, morreu após três dias, ao receber vários golpes de espada no pescoço. Antes, porém, por sua vida e testemunho convertera seu esposo Valeriano e seu cunhado Tibúrcio.

Santa Perpétua foi devorada por leões, depois de tão dura prova como diz o relato de seu martírio: *"Os pais e o marido da beata Perpétua, foram até ela e levaram seu filhinho que ainda amamentava. Vendo-a em pé diante do prefeito, o pai de Perpétua caiu de rosto no chão dizendo: 'Minha queridíssima filha, tenha piedade de mim, de sua infeliz mãe que aqui está e desse marido desafortunado que não poderá sobreviver sem você'. Mas Perpétua permaneceu imóvel. Então, seu pai colocou o filho no colo dela, enquanto ele próprio, a mãe e o marido, segurando-lhes as*

mãos e beijando-a, diziam chorando: 'Tenha piedade de nós filha e viva conosco. Entretanto, Perpétua não desistiu'.

Igual sorte teve *Santa Felicidade* que com ela tinha sido presa. Disse-lhe o juiz inquisidor: *"Tenha piedade de você, jovem, a fim de viver, sobretudo, porque carrega um filho em seu útero"*. Ao que ela respondeu: *"Faça de mim tudo o que quiser, porque jamais poderá levar-me a ceder à sua vontade"*. Felicidade deu à luz momentos antes de ser jogada às feras para ser devorada.

São Sebastião, comandante da legião de infantaria do exército romano, foi morto à flechadas por não renunciar o nome de Cristo.

Santa Anastácia foi amarrada numa estaca e queimada.

São Brás foi decapitado.

São Vidal foi enterrado vivo.

Segue-se ainda uma lista quase incalculável. Conhecer a vida e o testemunho desses homens e mulheres nos mostra que vale a pena sofrermos pela santidade e nos leva a amar mais ainda a Igreja a qual pertencemos: *"O sangue dos mártires foi semente de cristãos"*.

Os Escritos dos santos Padres

"Carta à Igreja de Corinto" de São Clemente que nos recomenda a vivência da concórdia, da humildade e da obediência.

"O Pedagogo" de Clemente de Alexandria, que nos ensina como chegar à perfeita contemplação.

As Catequeses populares de São Cirilo de Jerusalém e a *Defesa da Verdade Católica* nas centenas de homilias e tratados de São Cirilo de Alexandria.

O apelo à unidade eclesial no mais importante tratado de São Cirilo: *"A Unidade da Igreja"*.

Os belos e profundos comentários bíblicos de Santo Ambrósio reunidos nos seus *Comentários Exegéticos*. Neles o bispo de Milão suscita comoção nos seus ouvintes com argumentos carregados de emotividade e paixão.

A riqueza dos escritos do grande teólogo da Igreja do Ocidente, Santo Agostinho que vai da história da sua conversão (*Confissões*) à sólida doutrina cristã (*De Doctrina Christiana*), passando pelo tratado à Santíssima Trindade (*De Trinitate Dei*) aos dois tipos de amores que podem possuir o coração humano (*De Civitate Dei*), entre tantos outros.

Os fervorosos discursos de São Leão Magno, cujos textos chegam até nós através da Liturgia das Horas, estão reunidos em sua obra intitulada *"Sermones"* (Sermões).

Os escritos daquele que foi considerado "modelo de governo da Igreja", São Gregório

Magno, revelam sua familiaridade com a Sagrada Escritura e a influência que nele exerceram São Bento e, sobretudo, Santo Agostinho. Citamos aqui alguns deles: *Homilias Sobre o Evangelho*, *Homilias Sobre Ezequiel*, *Exposição Sobre o Livro de Jó*, *Regra Pastoral*, *Vida de São Bento*, etc.

De São Basílio, não podemos deixar de ler seu tratado sobre o Espírito Santo (*De Spiritu Sanctus*), Carta aos Jovens, Discurso de Adeus e Poemas Morais onde escreveu: "*Tudo é instável para que amemos as coisas estáveis*".

De São João Crisóstomo recomendamos "*Homilias*" que compõe um preciso tratado sobre moral e uma pequena obra prima da espiritualidade sacerdotal chamada "*De Sacerdótio*".

São João Clímaco escreveu uma das obras mais lidas sobre liturgia ascética: "*A Escada do Paraíso*" (*Scala Paradisi*), que trata da via de perfeição que a alma deve trilhar para unir-se a Deus pela caridade.

As obras, aqui citadas, foram indicadas somente a título de exemplo. Existem muitos outros que podem produzir o mesmo efeito. O importante é buscarmos alguns desses preciosos tesouros da espiritualidade cristã. A fim de favorecer tal busca, indico algumas das escolas de espiritualidade cristã com seus respectivos representantes.

Da escola Beneditina:

Santo Anselmo, São Bernardo, Santa Hildegarda, Santa Gertrudes, Santa Matilde, Santa Brígida, São Lourenço Justiniano...

Da escola Dominicana:

São Domingos, Santo Alberto Magno, Santo Tomás, São Vicente Ferrer, Santa Catarina de Sena, Mestre Eckart...

Da escola Franciscana:

São Francisco de Assis, São Boaventura, Beata Ângela Fuligno, Santa Catarina de Bolonha, Santa Clara de Assim...

Da escola Carmelitana:

Santa Teresa, São João de Cruz, Beata Maria da Encarnação, Tomás de Jesus, Nicolau de Jesus Maria, Filipe da Santíssima Trindade, Elizabete da Trindade, Santa Teresa do Menino Jesus.

Da escola Inaciana:

Santo Inácio, Beato Pedro Fabro, São Roberto Belarmino, Le Gaudier, Afonso Rodrigues, São Cláudio de La Celombiere...

Da escola Salesiana:

Dom Bosco, São Francisco de Sales, Camus, Santa Joana de Chantal, Santa Margarida Maria, Pe. Tissot,...

Outros:

São Vicente de Paulo, São João Eudes, São Luiz G. de Montfort, São João Batista de La Salle, Santo Afonso de Ligório, Bossuet, etc...

Ler, esses santos e místicos, faz crescer em nós um maior desejo de tender para a santidade. Seus testemunhos exortam-nos, animam-nos, arrastam-nos e nos dão um itinerário seguro para seguir Jesus.

CAPA FINAL

Ao passo que a humanidade sente-se desenvolvida e modernizada, determinados valores são colocados de lado, entre eles, a busca pela santidade. O mundo que nos apresenta o descartável e o relativo como valores, tem cada vez mais dificuldade em aceitar as propostas de Jesus que são eternas, para todo sempre. Em vez de relações duradouras, como o casamento, presenciamos o triste espetáculo da geração do “ficar”, que afeta também outros estados de vida, como consagração religiosa e o sacerdócio. É chegada a hora de uma nova primavera de santos na Igreja, que com suas vidas impactem o mundo e diga que é possível viver da Eternidade. Já dizia João Paulo II: *“O maior dom que podemos oferecer à Igreja e ao mundo é a nossa santidade”*.